

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

O CAMINHO DA CURA INTERIOR

ADESÃO RELIGIOSA E REINVENÇÃO PESSOAL, NA CONEXÃO:
SUBJETIVIDADE E NOVA POSTURA ÉTICA

Neila Maria Abranches Jordão

GOIÂNIA

2001

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

O CAMINHO DA CURA INTERIOR

ADESÃO RELIGIOSA E REINVENÇÃO PESSOAL, NA CONEXÃO:
SUBJETIVIDADE E NOVA POSTURA ÉTICA

Neila Maria Abranches Jordão

ORIENTADOR

Prof. Dr. Sérgio de Araújo

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em
Ciências da Religião como requisito para obtenção
do Grau de Mestre.

GOIÂNIA

2001

O CAMINHO DA CURA INTERIOR

ADESÃO RELIGIOSA E REINVENÇÃO PESSOAL, NA CONEXÃO:
SUBJETIVIDADE E NOVA POSTURA ÉTICA

Neila Maria Abranches Jordão

Dissertação defendida e aprovada, com nota _____ (_____), em _____ de _____ de _____, pela banca examinadora composta pelos seguintes professores:

Banca Examinadora

Prof. Dr. Sérgio de Araújo – Presidente

Prof^ª. Dra. Maria Tereza Lousa da Fonseca – Membro

Prof^ª. Dra. Walderez Loureiro Miguel – Membro

“Eu prefiro ser... essa metamorfose ambulante, do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo...”

Raul Seixas

À minha mãe, que impulsionou, desde antes, o meu crescimento e o faz ainda agora, nas lembranças encobertas das experiências primevas.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Sérgio de Araújo que, corajosamente, enfrentou o desafio que me propuz. Conteve-se na espera, lançou-se no acompanhamento, fez uso da exigência e do incentivo, concluiu ponderando.

Aos pesquisados que se deixaram compreender pela entrevistadora, alguém estranha. Eles abriram a perspectiva do mergulho profundo no seu interior.

Ao Pierre Sanchis – Professor, Doutor, Cientista, Escritor, que desfaz de todos esses “aparatos” para ajudar iniciantes a se desenvolver. Fez isso a mim, uma desconhecida.

Aos filhos, amigos e pessoas que apoiaram e se tornaram co-participantes na sozinha do escrever.

Aos professores e colegas do mestrado em Ciências da Religião, artífices da oportunidade dessa aprendizagem, não só da teoria, mas da realidade humana.

À UCG, por empreender o mestrado e me permitir cursá-lo, subsidiando-me financeiramente e na diminuição da carga-horária.

Ao Departamento de Psicologia, pelo apoio durante todo o trajeto.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
1. A ESTILÍSTICA DA EXISTÊNCIA: Do Desamparo Estrutural à Proteção Divina	20
1.1. Nomeando o Milagre	27
1.1.1. Releitura	29
1.2. O Começo de Tudo	34
1.3. Sobre a Pesquisa	42
1.4. O Campo Pesquisado	46
2. A REINVENÇÃO DE SI: O PROCESSO POSSÍVEL	53
2.1. Identidade e Identificações	55
2.2. Peculiaridades do Grupo	59
2.3. Mudança de Rota	69
2.4. Do Desamparo de Origem à Expectativa de Cura	73
3. MUDANÇA NO ETHOS E NO SENTIDO DE MUNDO	83
3.1. A Oferta Carismática	87
3.1.1. Deus me deu livramento	91
3.2. O Sucesso Desejado e o Sucesso Conseguído	100

3.3. A Experiência de Cura	104
3.4. Batismo no Espírito Santo: o rito que marca	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
BIBLIOGRAFIA	121
PERIÓDICOS	133

RESUMO

O que se vai ler centra-se no estudo dos motivos que impulsionam as pessoas a se decidirem pela adesão à Renovação Carismática Católica.

Trata-se de discussão interdisciplinar na compreensão do processo por que passa o sujeito na dinâmica da adesão. É, pois, com os instrumentos das ciências sociais e da psicologia, bem como os da psicanálise freudiana, que se empreende esse trabalho, por entender que as categorias dessa abordagem teórica, se complementam para o entendimento da adesão na sua amplitude total. A subjetividade consciente e inconsciente incentivando a adesão e a nova postura ética, como conseqüência do processo, constituem a força motora do estudo.

Assim, o homem dialético de Freud e Durkheim, na sua parcialidade de fragilidade e potência, determina o trabalho empírico e as conclusões analíticas.

Discute-se a motivação subjetiva como a força de atração, determinante do trânsito religioso para a RCC e a permanência do fiel nesse grupo, que é processual. Narram-se as identificações realizadas, as identidades renovadas, as auto-imagens redefinidas, para resultar em nova opção ética. Identifica-se o homem que vive esse processo, na sua dicotomia de fragilidade e reatividade,

do desamparo e atitude onipotente. Frágil, porque sofredor e reativo na sua força moral, individual e coletiva, como vê Durkheim. Constitucionalmente desamparado e se defendendo disso com a sua pulsão megalômana, na concepção freudiana. Esse homem quer alívio para seu sofrimento e busca na RCC, cura para seus males.

A abordagem da oferta carismática se volta para a possibilidade de responder às expectativas dos fiéis. Reflete-se sobre as transformações dos adeptos e possíveis pontos de intersecção entre a terapêutica da RCC e as psicoterapias convencionais da psicologia.

No empenho para compreender o fenômeno da reconstrução do sujeito, a partir da adesão ao movimento renovador carismático, relata-se a contribuição que a psicologia pode dar a esse estudo, bem como, a possibilidade de receber subsídios para a sua tarefa de elucidar a dimensão psíquica do homem.

ABSTRACT

What is going to be read focuses on the study of the reasons which drive people to decide to join in the Catholic Charismatic Renovation.

It involves an interdisciplinary discussion on the understanding of the process the subject goes through in the joining in dynamics. It is, therefore, with the instruments from the social sciences and psychology, as well as the Freudian psychoanalyses, that this work is achieved, understanding that the categories of this theoretical approach complement each other in the understanding of the joining in process in its full length. The conscious and unconscious subjectivity supporting the joining in and the new ethical posture, consequence of the process, constitute the study's driving force.

Thus, the dialectic man in Freud and Durkheim, in his partiality of fragility and might, determines the empirical work and the analytical conclusions.

The subjective motivation is discussed as the attracting force, that determines the religious transit to CCR and the permanence of the faithful in this group, which is in the process itself. The identifications accomplished are presented, as well as the renewed identities, the redefined self-images, to lead to new ethical option. The man who lives this process is identified in his dichotomy between fragility and reactivity, between helplessness and the omnipotent attitude. Fragile because he suffers and is reactive in his individual and collective moral strength, as sees Durkheim. Constitutionally helpless and

defending himself from that with a megalomaniac instinct, in Freud's view. This man wants relief from suffering and seeks in CCR the cure for his illnesses.

The approach of the charismatic offering turns to the possibility of responding to the expectations of the faithful. It reflects itself on the transformations of the adherents and the possible points of intersection between the therapeutics of the CCR and psychology's ordinary psychotherapies.

In the effort to understand the phenomenon of the subject's reconstruction, from the joining in the charismatic renovation movement, the contributions psychology can add to this study are also numbered, as well as the subsidies it can receive in a feedback basis in its task to elucidate man's psychological dimension.

APRESENTAÇÃO

A motivação para a adesão a um novo grupo religioso, impulsionada pela subjetividade do sujeito, é a força propulsora dessa troca religiosa que resulta em nova postura ética.

Em outras palavras, estudou-se o homem religioso, porque desamparado. Poderoso, porque protegido pelo seu sentido da divindade. Os motivos da escolha temática se prendem à atualidade e dimensões do próprio fenômeno, isto é, à supremacia da subjetividade na decisão para a adesão à Movimentos Pentecostais. Processo ontológico que culmina na construção dos indivíduos de novo sentido para a sua existência. Nesse sentido, a Renovação Carismática Católica é a depositária das expectativas das pessoas, para o apoio e a acolhida de que elas precisam ao empreender a caminhada da reconstrução de si mesmas. Ao sustentar essas expectativas, a Renovação Carismática produz o suporte para a sua expansão, enquanto movimento religioso católico, que se propõe carismático e renovador.

A fim de compreender a dialeticidade desse fenômeno, vale-se de apoio teórico interdisciplinar, centrado em clássicos como Durkheim e Freud enquanto percebem o homem, na sua estrutura conflitante entre o amor e o ódio, entre o bem e o mal, a liberdade e a opressão, a fragilidade e a força. Dialética que configura o homem que ama, odiando; crê, desacreditando; vive, morrendo e morre durante a vida. O homem individualizado como essência subjetiva, mas que não se percebe sem a sua

cultura e só se vê no contato com o outro. Enfim, o sujeito na dicotomia constante e eterna entre a racionalização e o simbolismo. Vários autores, além dos clássicos citados, seguem o caminho para a compreensão da relação entre o homem e a divindade. Entre eles, Weber, Wach, Eliade, Berger, na visão sociológica. Gilberto Velho, C. Mariz, Geertz, Léger, Sanchis, no enfoque antropológico. Antônio Ciampa, Joel Birman, Goffman, nos aspectos psicológicos. Pesquisadores dos sistemas pentecostal e carismático ofereceram dados elucidativos sobre o campo de investigação usado nesse trabalho: Reginaldo Prandi, Pedro A. R. Oliveira, Clara Mafra, Paulo Bonfatti, Leonardo Boff, são alguns deles.

Optou-se pelo uso da pesquisa qualitativa, ao considerar que o assunto pesquisado está ligado a "emoções, valores e subjetividade", elementos básicos da sociologia compreensiva. Goldemberg lembra Dilthey como um crítico do fato de se usar métodos das ciências naturais para as ciências sociais ¹. A metodologia empregada nessa investigação busca compreender as experiências religiosas dos sujeitos, partindo da interpretação das suas reações e levando em conta a realidade cultural do contexto. A compreensão do que significa para os adeptos a mudança de grupo religioso é a causa de se pesquisar o sentido que as emoções expressas, no contato com a divindade, tem para eles, nesse novo contexto. Trata-se, pois, de pesquisa etnográfica, metodologia científica das ciências sociais, usada, sobretudo,

1. Cf. Mírian Goldemberg. "A Arte de Pesquisar". Rio de Janeiro. RJ: Record. 1998. p. 18.

pelos antropólogos ².

Para esses cientistas, tanto a observação direta como a experiência vivida pelo pesquisador, no seu campo de estudo, passaram a ter primazia na pesquisa qualitativa.

Em continuidade ao desenvolvimento do novo método de realização das pesquisas antropológicas, os trabalhos de Margareth Mead, Ruth Benedict e Ralph Linton se fundamentam nas relações entre personalidade e cultura. Esses pesquisadores associam a metodologia da pesquisa qualitativa com a "conceituação psicanalítica e psicológica" ³

A antropologia interpretativa ganha força com Clifford Geertz que se baseia na idéia de Weber sobre a necessidade de se usar a observação dos fatos para compreendê-los. Geertz propõe uma forma hermenêutica para se proceder à análise dos aspectos culturais. Essa forma centra-se no entendimento das interpretações que o próprio grupo - alvo do estudo, faz das suas experiências. Assim, o pesquisador etnográfico deve ter sempre em mente as suas limitações no tocante às aptidões para conhecimento dos pesquisados. É necessário ainda que sejam delimitadas e expressas no relatório da pesquisa, as descobertas inusitadas, os questionamentos não respondidos. Importante, para Geertz, é se atinar para a realidade "parcial e provisória" ⁴ das interpretações. Mais ainda, que as conclusões só se façam

2. A pesquisa etnográfica tem o seu início, propriamente dito, com a publicação de Lewis Henry Morgam sobre a organização social dos índios iroquenses, em 1851. Entretanto, é o trabalho de Malinowski nas ilhas Trobriand que marca definitivamente o surgimento do método etnográfico, numa perspectiva de interpretação realizada pelos próprios antropólogos, dos dados encontrados por eles, em convivência cotidiana e duradoura com o

campo estudado. A renovação que sofrem as ciências sociais recebe influências maiores ou menores de Malinowski. As diretrizes sugeridas por ele para o trabalho de campo, as quais procurou responder no seu trabalho, são as seguintes: “O que os nativos dizem sobre o que fazem? O que realmente fazem? O que pensam a respeito do que fazem?”

3. Id. p. 23.

4. Id. Ibid.

após discussão dialógica entre pesquisador e pesquisados sobre o conteúdo interpretativo. Esse é o fio condutor da metodologia empregada nesse trabalho de campo. Método que supõe a formação de um vínculo afetivo, sustentado pela cumplicidade das duas partes. O entrevistado que quer expor sua experiência da forma mais verdadeira possível e o entrevistador que, ao longo do processo, adquire maturidade na expectativa de "compreender a própria vida revelada do sujeito" ⁵.

O observador participante pode realizar observação integral dos fenômenos. Participante no sentido literal do termo, isto é, ser co-partícipe na experiência do pesquisado, laborar lado a lado com ele. Só a integração na experiência religiosa das pessoas pesquisadas poderia levar ao entendimento do significado, em primeira instância, da essência constitucional do homem, para depois compreender o seu contato com o transcendente. Empreendeu-se, pois, essa caminhada: “vivenciar, conhecer, compreender e interpretar a pessoa na sua identificação com a divindade, frente a sua dicotomia existencial” ⁶.

Esses sujeitos que buscam encontrar a sua verdade "indo além de si", compartilharam com a pesquisadora, como entrevistados, as suas histórias de vida na sua família de origem, na família constituída com o próprio casamento e a sua história religiosa. Seus relatos evocaram lembranças muitas vezes dolorosas. Seus motivos subjetivos para a adesão

estão ligados a situações críticas da vida, que remontam a momentos de grande angústia, ocasionada por doenças, por perdas oriundas de separação, de morte em família, entre amigos. Ou, ainda, por perdas econômicas traumáticas, como falência. Enfim,

5. Ecléa Bosi. "Memória e Sociedade". São Paulo: Companhia das Letras. 1994. p. 38.

6. Cf. Soren Hierkegaard. "Temor e Tremor". São Paulo: Livraria Exposição do Livro. 1964.

sofrimentos que suscitam, nessas pessoas, as vicissitudes do desamparo de origem, que elas referem como sensação de vazio, de fundo do poço. Então, fica explícito que, no contato com os pesquisados, não só se presenciou a sua dor tópica, mas participou-se dela. Dor tópica porque localizada nos recônditos do ser, por isso dor pura, imanente e constitucional. Esse é o parâmetro de similaridade entre o pesquisador e o pesquisado. Ao participar de suas dores, foi surgindo uma cumplicidade, um "toma lá, dá cá" que se transformou em compromisso bilateral e em crescer a dois, numa intersecção contínua.

As entrevistas foram realizadas com a duração de três horas, - aproximadamente -, cada uma. Cada entrevistado foi ouvido no decorrer de duas entrevistas. Ao se realizar o estudo de caso, fez-se contatos por telefone, tantas vezes quantas foram necessárias, para clarear pontos que se obscureceram no calor das emoções, durante as narrativas. Aconteceram também encontros nas observações diretas dos cultos e dos trabalhos das equipes de serviço. Reservou-se o direito e o dever de resguardar o sigilo de conteúdos que foram extravasados em momentos que estes não puderam mais ser contidos. O caráter incoercível e confidencial desses conteúdos fez da

pesquisadora depositária de confiança irrestrita e exige dela a mesma postura ética dedicada aos elementos de uma seção psicanalítica.

Essa dissertação consiste de partes interligadas, de modo a manter uma estrutura processual partindo de reflexões sobre a amplitude do fenômeno, para alcançar as características específicas da temática estudada. Em assim sendo, o primeiro capítulo, "A estilística da existência", se inicia com a abordagem contextualizada sobre a relação de interdependência entre o sofrimento humano e a religiosidade. Descreve o sujeito dialético em Freud e Durkheim e caminha até os novos movimentos religiosos como eminentemente emocionais. Delimita as características extrínsecas e intrínsecas da motivação, para marcar a conexão da subjetividade das pessoas com a decisão para a adesão ao novo grupo religioso. A pesquisa é explicada, justificada, objetivada. Finaliza-se referendando os eixos que sustentam o trabalho: subjetividade como fator determinante da motivação para a adesão à RCC e à mudança no sentido de mundo.

No segundo capítulo, "A reinvenção de si", pretende-se mostrar que é possível as pessoas viverem um processo da reinvenção de si mesmas, quando fazem o trânsito para a RCC. Demonstra-se que as identificações com a simbologia e os rituais do novo grupo religioso promovem mudanças de identidade religiosa e afetivo-social. Enfatizam-se as especificidades do grupo pesquisado e conclui-se que elas determinam os motivos para a mudança de rota das pessoas, uma verdadeira ruptura com os seus conceitos. Fala-se, por fim, na relação existente entre o desamparo

original e a necessidade da intimidade com Deus, uma vez que o homem, descrente da ajuda científica, busca a divindade, "onde o milagre existe".

O terceiro capítulo é conclusivo. Nele é relatada a dinâmica processual que o adepto percorre, desde a motivação como elemento de entrada do processo, passando pelos fatores da RCC e os do sujeito, para chegar ao produto final, a mudança no ethos e sentido de mundo que resulta no equilíbrio psíquico, físico e social. Por isso, esse capítulo recebeu o nome de Mudança no Ethos e no Sentido de Mundo. Descreve-se a oferta de cura que a RCC faz aos seus adeptos e relaciona-se esta oferta com os serviços oferecidos pelas agências oficiais, como a medicina, a psicologia, a psiquiatria e outras. O desejo do sucesso é diferente do que é realizado, mas a esperança é mantida e mantém a permanência. Fecha-se o capítulo concluindo que, após vivenciar o "rito de passagem" e sair da situação liminar, o fiel em particular e, como ele, o grupo como um todo faz a adesão porque está motivado também subjetivamente, para aderir ao novo grupo religioso. O fiel, então, identifica-se com o grupo e isso opera mudança na sua identidade e o indivíduo se reconstrói. Consegue, ao menos, o que Freud chama de infelicidade comum.

Na verdade, não se intencionou estudar a subjetividade, ou a ética. A pesquisa se manteve na intersecção dessas duas categorias do fazer-se humano: estudou-se, no interior de um movimento religioso, como se processa a força da subjetividade do homem na aquisição de nova postura ética.

1 - A ESTILÍSTICA DA EXISTÊNCIA

DO DESAMPARO ESTRUTURAL À PROTEÇÃO DIVINA

"Esse acréscimo de energia apaga ainda mais completamente os efeitos do desamparo produzido na origem, dissipando-se, assim, a sensação de frio que a morte sempre traz consigo. O grupo sente que recupera as forças progressivamente; volta a ter esperança e a viver".

(Durkheim, 1996:441)

Essa narrativa dialógica, e em construção, percorre um caminho de duas vias e busca perceber as reações psíquicas e sociais do homem na sua trajetória de vida. Analisa a adesão das pessoas à Renovação Carismática Católica *, movimento religioso da Igreja Católica que desenvolve práticas religiosas não tradicionalistas e que pretende ser renovador. Enfoca também a possibilidade das pessoas atravessarem fases críticas na sua existência, quando procuram um movimento religioso que se apresenta como objeto da renovação interior.

É fato conhecido que os adeptos desses movimentos religiosos, cada vez mais numerosos, declaram para as pessoas de suas relações, seus familiares, nos consultórios médicos e nos dos psicólogos, coisas inusitadas sobre os efeitos que a experiência religiosa faz por elas.

Também os adeptos da RCC evidenciam em suas declarações a necessidade de reconforto, de apoio, de amparo que eles

alegam ter recebido "pelas graças do Espírito Santo, de Jesus, de Maria". Essa expressão de uma entrevistada é um exemplo ... "estava desesperada, desamparada e Jesus

* A sigla RCC será usada no decorrer do trabalho, quando se referir à Renovação Carismática Católica.
me mudou, acabou com o meu sofrimento".

Os teóricos e estudiosos da religião, desde há muito, apontam essa relação entre o sofrimento humano e a religiosidade.

Reporta-se aqui a Soren Kierkegaard, (Séc. XIX) que considera o "homem como um ser desesperado para quem a ciência é inútil". Para Kierkegaard, a religião é, para o homem, a última tentativa de encontrar o seu próprio sentido de mundo e sobretudo compreender a si mesmo. Em suas reflexões sobre a existência e sua relação com a divindade, esse autor explica a angústia e o desespero como atributos do homem; como imanência.¹

Diversos pensadores associam o sofrimento, a angústia, o desespero e o desamparo à busca da religiosidade. Mas é a partir do início do século XX que a psicologia, através de Freud e Jung e a sociologia em Durkheim e Weber, demonstram os seus interesses de forma analítica sobre a religião. Freud, em 1909, já descreve o papel preponderante do desamparo de origem para a procura e a manutenção da religião. Em 1912 Durkheim publica "As Formas Elementares da Vida Religiosa" e Weber analisa a religião em seu livro "A Ética e o Espírito do Capitalismo" – 1947 – e em "Economia e Sociedade" – 1921. Enquanto Durkheim concebe o homem

fragilizado e enfraquecido pela impressão de desamparo, Weber descreve o ressentimento do homem que busca as religiões de salvação.

Na convicção de Durkheim, a fé só pode ser elaborada na experiência de grupo que intensifica tanto a alegria como a tristeza. Essa última, quando intensificada, pode chegar ao pânico, expressando ódio e

1. Cf. Soren Kierkegaard. “Temor e Tremor”. São Paulo: Gráfica Urupês, 1964. p. VII.

desespero. O que está na origem do luto – por morte ou por separação de qualquer forma – é o sentimento de desamparo e de enfraquecimento. É a busca de reconforto que motiva a reunião grupal, mais precisamente, o rito * para reverenciar o mito * idealizado.

Jung, desde 1909, defende a existência, no homem, de uma memória filogenética e Freud, embora com muita cautela, concorda com isso ².

Na exploração dos efeitos que a herança filogenética causa na constituição do sujeito, Freud descobre o desamparo – conceito primordial na psicologia do ser – e nesse ponto ele o concebe como a gênese das religiões.

Nessa época, o conceito de desamparo surgia com base no aspecto fisiológico. Ele escreve a Jung, em 02 de janeiro de 1910, e fala da sua descoberta dizendo-lhe que o desamparo de origem acompanha o ser por toda a vida e, como fantasia que é, conduz à impressão dúbia de fragilidade e de poder ³.

Esse estado conflitivo impulsiona o homem a criar símbolos de identificação e de projeção. Para satisfazer sua necessidade de onipotência, o símbolo do bem, do bom, na maioria das vezes, é o objeto de identificação; para se livrar do sofrimento que a impressão do desamparo e da fragilidade acarretam, ele faz uso da projeção no objeto ligado ao “mal”.

Freud acredita que a fantasia é o fator intermediário entre o real e o imaginário. É a construção de um mundo particular ⁴.

* O ritual é a expressão de louvor dos fiéis, aos símbolos sagrados.

* O mito idealizado é o objeto de louvor, o símbolo.

2. Jung é categórico quando diz: "Creio que há muito mais coisas a tomar por memórias filogenéticas do que atualmente supomos". Jung. Carta a Freud de 17 de outubro de 1911. In. "Correspondência Completa de S. Freud a C. G. Jung". Rio de Janeiro: Imago, 1993. p. 455. Daqui para frente, somente "Correspondência".

3. Cf. Freud. Carta a Jung. In.: Correspondência. Op. cit. p. 302.

4. Cf. Freud. Carta a Fliess de 27 de set. de 1897.

Por seu lado, Weber aborda a questão das religiosidades de salvação em que o ressentimento assume papel importante, principalmente na religião judaica. Começa citando Nietzsche que concebe o ressentimento como contributo da ética da religião, daqueles menos favorecidos, que entendem a desigualdade como pecaminosa e injusta e acreditam que ela – a desigualdade – será vingada pela divindade, ainda que tardiamente.

Weber concorda com Nietzsche e associa o ressentimento das camadas negativamente privilegiadas a um traço específico da religiosidade de salvação. Para ele isso serve de amparo moral da necessidade de vingança, ainda que esta não seja consciente e esteja ligada à *"religiosidade de retribuição"* ⁵.

Ele analisa as religiões de salvação e conclui que a religião judaica é, por excelência, a religião de retribuição. Nela, as exigências

de Deus são efetivadas visando o recebimento de graças. As práticas devem ser vividas em coletividade em que o grupo experiencia a exaltação e faz jus ao retorno de sua dignidade, tanto coletiva quanto individual.

*Ora, o homem desesperado de Kierkegaard, injustiçado e ressentido em Weber e Nietzsche, é também o homem desamparado de Freud e Jung e o sujeito fragilizado de Durkheim*⁶.

Entretanto, não só os pensadores clássicos fazem a relação entre sofrimento e religiosidade do ser humano. Estudiosos, da metade do século XX em diante, também discorrem sobre situações emocionais críticas que impulsionam a humanidade na busca da religião. Peter Berger, ao analisar o

5. Max Weber, *Religião e Sociedade*, Brasília: UNB. 1991. p. 337.

6. Kierkegaard e Nietzsche ocupam aqui, a posição de precursores de Freud, Durkheim e Weber.

problema da Teodicéia, demonstra que, "nas situações de grande sofrimento, a necessidade de significado é tão forte quanto a necessidade de felicidade, ou talvez maior". Esse autor concorda com o fato de que as pessoas que sofrem de doenças físicas ou que se sintam expoliadas e oprimidas, marginalizadas por uma sociedade classista, procurem ajuda para aliviar os seus males. Mas antes de tudo, os sujeitos desejam ter conhecimento e compreensão das causas do sofrimento. Deus existe e é justo, bom e amoroso. Esse dogma dá um sentido ao sofrimento do homem, sentido que vai além de promessas redentoras. – Essa é a aspiração maior dos seres humanos na sua busca da religião⁷.

Para entender o significado do seu sofrimento, o ser humano se vale dos mitos e ritos que a religião lhe oferece que, segundo suas expectativas, uma vez experienciados, podem dar uma explicação da sua dor.

Pensadores mais modernos como Joaquim Wach (1951), Mircea Eliade (1976), atualmente Pierre Sanchis e Danièle Hervieu Léger, para citar só alguns, escrevem sobre a associação das práticas religiosas com o fator emocional das pessoas. Wach vê na complexidade dos processos envolvidos para se analisar as práticas religiosas a necessidade de se reunir várias ciências. A psicologia, psiquiatria, voltadas para a experiência religiosa e a antropologia, a sociologia, a história para a "expressão objetivada da experiência religiosa" ⁸. Por sua vez, Mircea Eliade considera importante o estudo interdisciplinar do fenômeno religioso, o que significa ver o homem em

7. Peter Berger. "O Dossel Sagrado". São Paulo: Paulinas. 1980. p. 70.

8. Referência tirada de Francisco C. Rolim. In: "Religião numa sociedade em Transformação". Petrópolis: Vozes. 1997. p. 78.

todas as suas dimensões. O ser assim dimensionado tem características filosóficas, psicológicas, sócio-antropológicas, teológicas e estéticas. (Waldo César, 1997: 119). Tanto Wach como Eliade, ao conceberem o sujeito na sua integralidade, incluem a expressão emocional na experiência religiosa. E Pierre Sanchis (1996), quando usa da sua fala de mestre para discutir o desafio que enfrenta a cultura católica no Brasil frente ao movimento pentecostal e ao carismático, enfatiza a experiência emocional nos cultos como força atrativa que motiva os fiéis a estabelecer preferências com estes, em detrimento de instituições tradicionalistas. O autor vê "no uso fundamental e ritual da

emoção" ⁹ um dos aspectos mais importantes em uma análise desses movimentos inseridos no contexto cultural brasileiro, contexto que é predominantemente católico.

Ao avançar nessa pequena caminhada histórica, encontram-se, no seu momento atual, vários outros estudiosos do fenômeno religioso que se voltam para o pentecostalismo e carismáticos e encontram razões para encararem esses novos movimentos religiosos como incentivadores da expressão emocional das pessoas. Hervieu-Léger (1997) os descreve como o resultado da tendência ao "emocionalismo comunitário" ¹⁰. A necessidade das pessoas compartilharem suas emoções em rituais religiosos é conhecida de quantos já pararam para analisar a religião. Durkheim mostrou isso com grande evidência nos povos primitivos e Léger distingue a partilha emocional

9. Pierre Sanchis. O Répto Pentecostal à Cultura Católica - Brasileira. In. "Nem anjos nem demônios". Petrópolis: Vozes. 1996. p. 59-63. Sanchis fala da "- exultação quase durkheimiana - que levanta os corpos, ergue as vozes, confunde os gritos, as aleluias e os choros", que acontece nos cultos pentecostais, evidenciando a exaltação emocional expressada.

10. Cf. Danièle Hervieu-Léger. "Surtos Emocionais Contemporâneos". *Religião e Sociedade*. 18/1 - 1997. p. 33. nos movimentos religiosos atuais, que ela denomina de novos, embora sem a enorme efervescência durkheimiana. Há possibilidade de que as pessoas necessitem extravasar as emoções profundas, que Durkheim descreve nos ritos analisados por ele, emoções contidas, durante grande tempo, pela racionalização das práticas religiosas e que não se contêm mais em quantidade significativa de pessoas. Por outro lado, esses movimentos podem estar ligados, ainda, "à perda definitiva de uma linguagem religiosa capaz de

ser socialmente ouvida..."¹¹. A subjetividade, enquanto sustenta o processo cultural do indivíduo na modernidade, impulsiona-o à busca do "espontaneísmo religioso", contido no movimento carismático. Esse espontaneísmo promove o rompimento com os elementos do sistema tradicional (conjunto de crenças, normas), que, segundo as instituições, sustentam a Tradição¹².

Psicanalistas contemporâneos também estão atentos ao fenômeno religioso atual, sobretudo na percepção do homem desencantado com o mundo, procurando apoio no sagrado, mais propriamente, voltando ao sagrado. Joel Birman faz uma análise do mal-estar na civilização na atualidade e supõe a relação intrínseca entre "o desamparo e o desencantamento do mundo"¹³. Birman reflete sobre o sujeito da psicanálise concebido por Freud, tendo na sua estrutura a condição angustiante do desamparo. Essa condição é responsável pela nostalgia de proteção das experiências primevas. A simbologia resgata essa proteção, resgate muito comprometido na época em que Freud denomina o "desamparo como condição crucial do sujeito"¹⁴. Comprometido porque, com

11. Cf. Lèger. Op. cit. p. 44.

12. Id. p. 45.

13. Joel Birman. "Estilo e Modernidade em Psicanálise". São Paulo: Ed. 34. 1977. p. 175-178.

14. Id. *ibid.*

a difusão científica e a racionalização, a secularização – regime de exclusão do simbolismo religioso, como legitimação -, conduz ao desencantamento do mundo. Desencantamento que dá suporte à impressão de vazio interior na desarmonia que o homem enfrenta na historicidade das suas prerrogativas de ser no mundo. Mundo da relação entre "corpo e símbolo, pólis e cosmo, pólis e

pulsão" ¹⁵. Esse ser precisa da simbologia para lidar com o seu vazio, com o seu desamparo. A necessidade da simbologia se liga ao pavor que o indivíduo tem do desamparo e o conduz, analogicamente, à função de Prometeu na recriação constante do mundo. Função que o homem moderno desenvolve na dinâmica do seu reencantamento com o mundo, em direção ao sagrado. Reencantamento efetivado para conduzir o sujeito à capacidade de se proteger do seu desamparo ¹⁶.

Acredita-se, pois, que os movimentos religiosos pentecostais e neopentecostais, nesses inclui-se a RCC, surgem para responder às aspirações do sujeito, no reencantamento com o mundo e na conseqüente reconstrução de si.

1.1 - NOMEANDO O MILAGRE

Antes de inserir o tema que direciona as reflexões desse trabalho e que pretende ser dialético, enquanto discussão e intersecção entre campos científicos fronteiriços, optou-se por apresentar o relato de uma entrevistada.

15. Id. p. 176.

16. Id. ibid.

Isso se justifica pelo fato dessa narrativa ser de importância vital para a temática que se propõe tratar, bem como seus objetivos.

O que será transcrito aqui é apenas uma parte da história de vida, denominada de dimensão religiosa, isto é, sua relação com a religiosidade, desde a infância, até agora.

O relato é de Maria de Fátima ¹⁷.

"Fui sempre muito religiosa, sempre fui e sou católica. Era "Filha de Maria". Criei meus filhos na Igreja Católica. Sempre muito praticante. Fui para a RCC, porque uma amiga me convidou e gostei do movimento Renovador, do batismo no Espírito Santo, da maior intimidade com Deus, de ler a Bíblia, dos seminários. A gente aprofunda a intimidade com Deus. Passa a olhar o mundo sob outro prisma, outro parâmetro. Roupas bonitas, pintura no rosto, passeios, tudo deixa de ter importância!"...

Indagada sobre os motivos da sua ida para a RCC, Maria de Fátima acrescenta:

"Fui para o Movimento Renovador em 1987, ... foi a amiga que eu falei que me levou. Eu estava apagada, enfraquecida, fragilizada, insegura, insatisfeita, derrotada, triste, desanimada, desmotivada, no vazio mesmo! ... Era uma Igreja pequena, mas um grupo muito ungido. Encontrei a renovação do Espírito Santo de Deus."

Maria de Fátima foi então, encorajada, pela pesquisadora, a falar

17. Maria de Fátima tem nível de instrução superior; prof^a. aposentada, classe média alta e é coordenadora do Grupo de Oração. Esse é seu nome fictício. Ao ser notificada que seu nome verdadeiro seria mantido em sigilo, ela, de pronto, solicitou para si a escolha do pseudônimo e o escolheu em louvor a nossa Senhora de Fátima.

sobre o Encontro que ela já havia mencionado antes.

“Em 1989 minha filha mais velha morreu e eu fiquei de novo fragilizada e abandonada, mas continuei no movimento. Fiquei questionadora com Deus. Criticava Deus. Crítica mordaz! Em julho de 89 teve o Encontro ¹⁸. Eu estava com três meses de luto. No sábado chorei muito e no domingo teve a entrada do Santíssimo. No primeiro ensino do dia sobre cura interior, o pregador foi o porta-voz de Deus para mim. Ele falava e eu chorava - todas as minhas amigas choravam – . Você aí que está magoada com Deus porque perdeu uma filha de repente, na rua ... deixa de ficar revoltada e perdoa Deus por isso. Deus precisa do seu perdão. Foi a maneira que ele encontrou para levar sua filha` ”...

Nesse ponto, a entrevistada fica em silêncio por um período, de mais ou menos 10 minutos, e acrescenta:

“Senti que mexeu lá dentro – para melhor – fiquei com vontade de perdoar. Aí, entrou Nossa Senhora de Fátima e as pessoas que a carregavam viraram-na para mim. Nessa hora eu pedi para ela me dar força e capacidade de perdoar, pedi coragem. A alegria foi voltando como um milagre. Foi um milagre! ... aí fui fazendo cursos e mais cursos e tornei-me uma pregadora de Deus”... ¹⁹

1.1.1. – RELEITURA

Maria de Fátima, no seu depoimento, demonstra, em primeira instância, os motivos da sua adesão ao movimento renovador que se baseiam

18. Encontrão: Cenáculo promovido uma vez por ano, realizado pelas dioceses, segundo Reginaldo Prandi et ali. "Um sopro do espírito". São Paulo: Fafesp. 1997. p. 68.

19. Entrevista realizada em junho de 2000.

em razões objetivas, as práticas usadas pela renovação carismática, e em razões subjetivas, seus sentimentos de desamparo e abandono; a impressão de fragilidade e a necessidade de apoio, principalmente.

Seu relato deixa claro a identificação que faz, tanto com os símbolos sagrados, como com representantes desses símbolos, o pregador, por exemplo.

Trata-se de um tipo de identificação na qual a pessoa percebe no outro emoções condizentes com as suas. Se essas emoções são muito fortes, também a identificação é forte e pode criar vínculos intensos, isentos de quaisquer componentes sexuais²⁰.

Maria de Fátima projeta a sua raiva e impotência, diante da perda, no simbólico – Deus * –. Faz isso para aliviar o seu sentimento de culpa que está associada à violência com que lida com a impressão de fragilidade.

Diante da fantasia do estado de desamparo pela morte da filha, Maria de Fátima acredita que encontrou apoio e conforto nas práticas da renovação carismática – na intimidade com Deus.

Sentiu-se fortalecida por causa da identificação com o pregador e com as palavras dele, que tiveram grande efeito emocional para ela.

“O milagre do seu encontro com Deus”, como a entrevistada falou e com a força que usou na sua expressão, faz jus ao que Clara Mafra chama de *“adequação entre o milagre buscado e o milagre obtido”*²¹.

Também é um fato demonstrado na descrição de Maria de Fátima o

20. Cf. Freud. Obras completas. V. XVIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976. p. 136.

* Projeção é um conceito freudiano, usado pelas pessoas, com a intenção de jogar no outro, ou em situações, aquilo que não aceitam em si mesmas. Laplanche e Pontalis. In: “Vocabulário de Psicanálise”. Santos: Martins Fontes. 1970. p. 478.

21. Clara Mafra. “Na posse da palavra”. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1999. p. 4.

de que os adeptos da RCC vão para os grupos de oração, levando suas queixas e frustrações e os seus desejos de mudanças. Vivenciando os ritos, participando da prática da oração, do ministério de música, do exercício dos dons carismáticos, dos testemunhos, do estudo do evangelho na Bíblia e da partilha os adeptos *“aprendem a nomear o milagre”*²², que depende muito da sua fé. Só o carisma do pregador não basta para que o milagre se dê; a fé do fiel é indispensável para que ele se faça.

A experiência religiosa de Maria de Fátima, que se relata aqui, demonstra a dinâmica da sua personalidade. Ela é expressada na

sua forma estrutural. A entrevistada se coloca a descoberto tanto na sua dimensão psico-motora como na afetivo-social. Se descobre no sentido de que se mostra como sujeito desejante e por isso dialético, na sua dicotomia entre o ser que sofre e o ser que cria. O indivíduo da culpa e do perdão. O sujeito que precisa aceitar as normas da sociedade para ser aceito por ela. A pessoa que precisa ser protegida e que pode proteger. Pode receber solidariedade e solidarizar-se. Essa é a Maria de Fátima, cindida entre o desejo de felicidade – recalçado²³ porque pulsional –, mas sublimado²⁴ pela “intimidade com Deus”. Esse é o estado de transcendência e é o milagre conseguido. A expectativa e a realização, pelo menos de parte dessa expectativa, que produz o equilíbrio entre desamparo e poder. Equilíbrio que supõe, se não um estado de plenitude, a possibilidade de atingi-la, ou seja, a esperança que se transforma aqui na

22. Ibid.

23. Recalque: conceito freudiano de conteúdos internalizados e excluídos da consciência. Laplanche e Pontalis. Op. cit. p. 552.

24. Sublimação: processo inconsciente de deslocamento dos desejos para motivações aceitas pela sociedade: religiosas, artísticas, etc. Laplanche e Pontalis. Op. cit. p. 638.

força motivadora da caminhada de vida. Vida dirigida por Deus, amparada por Deus, enquanto ela for capaz de ter fé e de perdoar. De se recriar cotidianamente.

Enfim, Maria de Fátima sustenta no seu relato a sensação de acolhimento que vem do líder carismático – porque cheio dos dons do Espírito Santo –, também por constituir-se membro da instituição RCC. Acolhida, outrossim, pelo grupo participativo e pelos símbolos sagrados. De significado maior para Maria de Fátima é a sua capacidade de perdoar. Quando ela pode perdoar Deus, repara a sua culpa, isto é, sua resposta de

arrependimento, resultado da sua ambivalência entre o amor por Deus e a violência diante da frustração da sua necessidade de ser protegida por Ele. O perdão significa então a regulação dos verdadeiros agentes da sua infelicidade²⁵.

A força criadora de Durkheim é bem evidenciada na experiência religiosa de Maria de Fátima. Ela retrata o sujeito fragilizado na sua tentativa de comunhão grupal que o impulsiona à participação nos ritos em busca de algo maior que ele e, como não sabe denominá-lo, chama-o de força divina. Maria de Fátima vive a experiência de, com a ajuda dos símbolos religiosos, embora sem saber, estar lidando com um contributo imanente, reproduzido com uma força superior. Durkheim chama esse contributo de consciência moral²⁶. Ao analisar a história de vida dessa entrevistada, percebe-se que o que ela experiencia nos ritos e ações religiosas na RCC a dignificam na medida em que ela se identifica com os valores morais e éticos. Assim ela se torna portadora da força coletiva que, segundo esse pensador, se espalha para todo

25. Cf. Freud. "O mal estar na civilização". Obras completas. V. XXI. p. 146 s.

26. Cf. Èmile Durkheim. "As Formas Elementares da Vida Religiosa". São Paulo: Martins Fontes. 1996. p. 216-217.

o grupo²⁷. É na experiência com o outro que o ser humano transcende a si mesmo, no estado de exaltação mental, alegre ou triste. Maria de Fátima representa a sua exaltação tanto na hora da entrevista, como no Encontro em que acontece o seu milagre, o encontro com Deus. Pode-se perceber que Maria de Fátima comprova o sujeito dialético de Durkheim. Comprovação que se vê desde o início do relato da sua história de vida, quando diz: "... eu estava

apagada, enfraquecida, fragilizada, insegura, insatisfeita, derrotada, triste, desanimada, desmotivada, no vazio mesmo". Em outro momento, mais adiante, ela acrescenta: *"... senti que mexeu lá dentro – para melhor – fiquei com vontade de perdoar ... a alegria foi voltando como um milagre. Foi um milagre!"*

Nesse instante ela narra o episódio do Enconção. Está aí o ser civilizado patenteando Durkheim, salvaguardando as proporções devidas quanto à exaltação, mas mantendo similaridades em relação ao estado interior de enfraquecimento diante do sofrimento que ele descreve ser essa impressão que aproxima as pessoas e de que "... resulta uma sensação de reconforto que compensa o enfraquecimento inicial" ²⁸.

A razão para se descrever a experiência dessa entrevistada é porque ela se revela, como em tantos outros depoimentos, elucidativa do tipo de religiosidade adotada pelos Carismáticos. Sem perder o seu vínculo com o catolicismo – culto a Maria, reza do terço, unção aos enfermos, bênção do Santíssimo Sacramento -, a Renovação Carismática traz, no seu bojo, a

27. Id. Ibid.

28. Id. p. 440.

influência do pentecostalismo. Os fiéis se expressam com lamúrias e queixas e esperam pelo "reavivamento interior" de que fala Pedro A. R. Oliveira ²⁹. Ou, dito de outra forma, pela "vida nova no Espírito", segundo a própria RCC. Nos Grupos de Oração, nas Reuniões de Cura, nos Cenáculos, as pessoas aprendem sobre o poder e a necessidade da fé, sobre os dons do Espírito

Santo e a acreditar que os milagres acontecem com uma certa freqüência e que isso se dá segundo a vontade e a fé dos fiéis.

Tudo isso não elimina o caráter simplista do depoimento de Maria de Fátima para leitores com senso crítico aguçado. O discurso dela se choca com a realidade da sociedade dividida em classes, com a política unilateral e sem transparência e com a frieza do mundo dos negócios. É como se Maria de Fátima quisesse afrontar essa sociedade, representando uma situação inusitada em que “uma porta se abre” para resolver todos os seus problemas: físicos, psíquicos, econômicos e quantos mais existirem, para “todo o sempre”. Então os novos movimentos religiosos e os pentecostais ganham adeptos e força, enquanto eles puderem oferecer esperança de vida melhor.

1.2 – O COMEÇO DE TUDO

Pretende-se, nessa dissertação, estabelecer o estudo psico-sociológico da motivação para a adesão a um movimento religioso, ou seja, dos motivos que as pessoas têm para fazer a passagem das práticas

29. Pedro A. R. de Oliveira. “Renovação Carismática Católica”. Petrópolis: Vozes. 1978. p. 30.

tradicionalistas das suas religiões – sejam elas quais forem – para o movimento de renovação carismática.

O interesse dessa pesquisadora, como profissional da psicologia, foi aguçado para a compreensão dos fatores que interferem na escolha das pessoas de uma nova postura ética perante a vida. Nova porque resulta em identificações substitutivas e conseqüentes identidades renovadas, frutos da atitude de adaptação aos valores propostos pelo grupo religioso escolhido por esses fiéis, para a sua afiliação.

Vários estudiosos do fenômeno religioso atual, principalmente do pentecostalismo, atribuem à problemática existencial, econômica, de saúde e similares as causas do trânsito religioso. Após refletir sobre as abordagens dos autores pesquisados, uma questão se impõe com o fim de subsidiar a opção temática do trabalho: Os motivos citados são o bastante para manter o incentivo à adesão e permanência das pessoas no movimento carismático católico? Faz-se alusão aqui à adesão no sentido da reinvenção de si que o sujeito pretende realizar quando faz a passagem de uma religião para outra. Weber concebe essa passagem como um momento de transformação da pessoa que lembra algo como um renascer³⁰. Berger vê na adesão uma “transferência individual para o outro mundo”³¹. Acredita-se, outrossim, que a adesão a um grupo religioso é uma atitude do ser total, desde que atinja dimensão psíquica e social do ser, quando ele adquire um novo sentido de mundo. Assim, a adesão muda o projeto individual e social da vida das pessoas, porque propõe a reelaboração da subjetividade e da postura ética dos

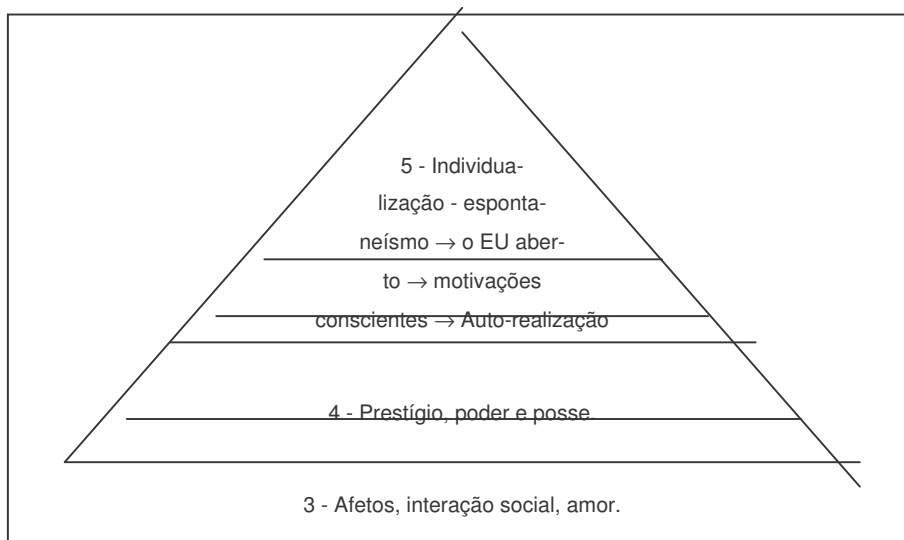
30. Cf. Max Weber. “Economia e Sociedade”. Brasília: UNB. 1991.

31. Peter Berger. “O Dossel Sagrado”. São Paulo: Paulinas. 1985. p. 63.

seus adeptos, através da simbologia introjetada e expressa – os mitos e os ritos que sustentam o novo grupo religioso.

A motivação para a adesão é, pois, um processo complexo, que abrange vários aspectos de formação da personalidade do ser. Maslow concebe os motivos humanos obedecendo a uma hierarquia ³², de acordo com as necessidades de realização das pessoas. Essas necessidades são ilustradas na figura a seguir:

HIERARQUIA MOTIVACIONAL



Os impulsos fisiológicos e/ou primários que constituem a base da pirâmide são os estimuladores básicos para que o homem possa chegar à culminância do processo de individuação, que Maslow chamou de auto-realização. Para chegar até a culminância, esse processo que se inicia com as

32. A abordagem sobre a hierarquia motivacional, contida na Fig. 1, baseia-se em Abraham Maslow, na sua teoria fenomenológica da personalidade. Nela, o modelo de integração leva a um conceito do EU saudável. Informação

obtida no Dicionário Técnico de Psicologia de autoria de Álvaro Cabral e Eva Nick. São Paulo: Cultrix. SD. p. 239-305.

necessidades básicas, já descritas como *impulsos primários e psicológicos*, precisa ser atendido e satisfeito. É a condição basal para o desenvolvimento do ser. Inclui funções orgânicas de alimentação, térmicas, cinestésicas, bem como da harmonia de funcionamento dos órgãos que compõem o corpo e, ainda, os impulsos de fome, sede, prazer e dor. A segunda etapa diz respeito à *segurança e estabilidade nos aspectos vitais da existência*, os ligados diretamente à sobrevivência. No âmbito do *amor, afetos e interação social*, os motivos da pessoa se ligam a necessidades de integração social. Ela precisa relacionar-se com grupos diversos, desde os familiares, religiosos, de trabalho, de vizinhança, de amigos. Nessa integração é que o ser pode atender a outros motivos importantes para a existência humana, como sentir-se aceito e poder trocar afetos. A penúltima etapa desse processo motivacional do homem é para o alcance de *prestígio, poder e posse*. Significa ter ascendência às suas aspirações interiores e conseguir domínio material e subjetivo dos aspectos indispensáveis à existência satisfatória. Poder sócio-político, econômico, afetivo que resulta em prestígio diante dos grupos que integra. Por último, o cume da hierarquia motivacional está afeto à busca da *auto-realização* que pressupõe o *EU aberto ao espontaneísmo*, capaz de *motivações conscientes* e de atender às suas próprias *individualidades*³³.

É, pois, nesse enfoque, da motivação para a adesão à RCC, que conduza o homem para a sua maior promoção humana e, conseqüentemente para a reconstrução de si mesmo, que a temática desse trabalho se estrutura.

Análises consistentes enfocam os aspectos subjetivo, imaginário,

33. Id.

simbólico, apontados como os elementos básicos para a motivação das trocas religiosas. Muito embora a discussão entre os autores deixe sem resposta alguns elementos para a compreensão da temática, eles contribuem imensamente para embasar o estudo. Mas essa realidade leva a investigar perguntas ainda sem respostas. Pesquisadores, como Sanchis (1996), abordam o processo da construção da identidade na inter-relação com o outro. A busca da transcendência como fator de continuação da própria existência é percepção de Waldo César – (1992). A libertação em nível social e individual, de Cecília Mariz – (1996). A importância da palavra para a compreensão, baseada na história religiosa já conhecida, de Rolim (1994). O encantamento pelo sagrado, de Bingemer – (1992). A necessidade da religião na tentativa da resolução de problemas emocionais e/ou subjetivos de Benedetti – (1994). Vários outros autores serão enfatizados, oportunamente, no decorrer dessa dissertação.

Já ficaram explícitos, de certa forma, os objetivos desse trabalho, centrados na motivação para a adesão ao movimento religioso – RCC – . Essa temática, na sua amplitude, contém aspectos específicos, tais como:

- A importância dos caracteres subjetivos na motivação e conseqüente decisão para a troca do grupo religioso, bem como a permanência nesse grupo.
- A ocorrência de reidentificação como condição imprescindível à adesão e a possibilidade da RCC corresponder ao objeto da

reinterpretação do sujeito, que resulta em nova opção ética e na possibilidade de cura.

- Essa nova ética influencia nas representações valorativas do EU, segundo Goffman e na redefinição da identidade, conforme Ciampa, Freud, Sanchis.
- Tudo isso responde à dialética do sujeito fragilizado de Durkheim e do indivíduo desamparado em Freud?

Comparam-se, nesse estudo, as mudanças que a experiência com o sagrado provoca nas pessoas com as modificações que o processo psicoterapêutico opera nos pacientes que conseguem reestruturar os seus aspectos subjetivos, conscientes e inconscientes.

Realiza-se então um estudo que supõe o sujeito social e individual e por isso envolve uma análise psico-antropológica, ou seja, estudo que realiza a interação entre a antropologia cultural de Geertz com o método hermenêutico da psicanálise. A etnografia, a partir de Geertz, consiste em perceber e compreender a relação do indivíduo com a religião. Isso implica saber “ouvir” o discurso dos fiéis e, ao colocar-se “dentro” deles, perscrutar com atitude interpretativa o que eles estão dizendo realmente, seja falando, cantando, chorando. Geertz chama esse “ouvir” de interpretação do “fluxo do discurso social”³⁴. Essa estratégia facilita a descoberta da dimensão emocional da experiência de adesão ao sistema religioso preferido.

Assim, mesmo concordando que a experiência religiosa seja pessoal, concorda-se também que sua expressão é delimitada pela cultura.

Então, o mito precisa ser estudado segundo o contexto social em que se desenvolve. Dessa forma, ao analisar o fenômeno, propôs-se usar a forma de

34. Clifford Geertz. "A Interpretação das Culturas". Rio de Janeiro, RJ: LTC. 1989. p. 31.

análise interpretativa, ou seja, análise etnográfica vista por Geertz como "descrição densa", quando este usa a definição de Gilbert Ryle. "Descrição densa" é uma forma comparativa para dar significado a situações repletas de categorias que são interligadas e sobrepostas e que resultam, por isso, em figurações "estranhas, irregulares, inexplícitas"³⁵. Isso significa uma descrição "profunda" das experiências culturais como uma "trama de significados", para a interpretação.

É a partir da proposta geertziana, interpretativa, que se pode desvendar o significado da experiência de adesão, para os entrevistados, partindo de suas próprias idéias sobre a sua mudança. É oportuno associar ao modelo geertziano a forma explicativa de leitura dos fenômenos psíquicos que faz a psicanálise.

A perspectiva psicanalítica procura perceber o significado do discurso falado, na sua estrutura profunda, submersa em estados inconscientes e expressos em formas deturpadoras da realidade emocional, encoberta que foi na tentativa do sujeito de aliviar o sofrimento que, numa fase distante de sua vida, acompanhou suas experiências afetivas. Explicando essas estruturas de afeto encobertas, percebem-se os efeitos que essas têm nas ações

manifestas dos indivíduos e, conseqüentemente, o significado dessas ações ³⁶. Assim, a técnica de análise que a psicanálise propõe tem como resultado final compreender, para explicar, os conflitos de amor e ódio, de bem e mal, de vida e morte, de menos e mais valia, de poder e impotência. Aspectos tão evidenciados na experiência religiosa dos sujeitos.

35. Id. p. 16-17.

36. Cf. Sigmund Freud. “Artigos sobre Técnica”. Obras Completas. V. XII. 1969: Imago. p. 111 s.

As duas referências teóricas de que se lança mão para a análise das histórias de vida estão aptas para subsidiar a percepção das influências sócio-culturais e/ou psicológicas contidas nas representações religiosas e nas expressões dos valores éticos das pessoas que compõem o grupo pesquisado.

Essa abordagem das duas correntes citadas se atêm a aspectos específicos, quer sociais e antropológicos, quer psicológicos. Em se tratando do estudo da religião, dá-se o direito de usar de uma complementariedade teórica, o que Meslim ³⁷ chama de flexibilidade, argumentando que a compreensão das inter-relações entre a experiência religiosa e cultural, é o que vale, se pudermos entender que as

experiências religiosas são manifestações humanas, relativamente ocultas à consciência do homem.

Um falso rigor de metodologia levaria à abstenção dessa complementariedade – Sociologia, Antropologia e Psicanálise. Acredita-se que atitudes herméticas não favorecem a ciência, mas assumem um dogmatismo. Não é conveniente privar-se da riqueza de uma análise baseada em metodologias que se complementam para manter-se fiel a esse dogmatismo.

A fim de tentar tornar o texto compreensivo e com uma visão global e contínua, os autores e suas abordagens vêm entremeados nas análises empíricas, utilizados somente no que tange ao conteúdo significativo dos estudos de caso. Essa opção se baseia na idéia de que esse modo de articulação teórico-metodológica, facilita a compreensão da realidade humana que o texto pretende revelar.

37. Michel Meslin, “A Experiência Humana do Divino”. Petrópolis: Vozes, 1992. p. 14.

1.3 – SOBRE A PESQUISA

"A pesquisa é talvez a arte de se criar dificuldades fecundas e de criá-las para os outros. Nos lugares onde havia coisas simples, faz-se aparecer problemas".

Pierre Bourdieu

A investigação desenvolveu-se centrada na adesão das pessoas a um novo sistema religioso, sua motivação para efetivar o trânsito e para permanecer no grupo escolhido. A situação pesquisada diz respeito à mudança tanto do catolicismo tradicionalista, como de outras religiões, para a Renovação Carismática Católica. Delimitou-se um Grupo de Oração vinculado a uma paróquia de Goiânia, alvo de coordenação específica.

Com o seu início em setembro de 1999, percorreu-se um longo e espinhoso caminho para chegar até o grupo a ser entrevistado. Estabeleceu-se contato com pessoas do círculo de conhecimento da pesquisadora e delas receberam-se orientações quanto a quem procurar para conseguir esclarecimentos sobre a instituição RCC. Assim é que, após vários telefonemas, tentativas e esperas, foi marcado um encontro com o Secretário de Cura³⁸, indicado pelo Coordenador Regional, para prestar informações sobre a instituição. Esse contato se deu num lugar/sede da RCC em Goiânia, cujas

informações serão expostas ao se falar sobre a RCC. Obtiveram-se orientações que dirigiram a delimitação do campo – objeto da pesquisa. Assim é que foi escolhido o primeiro grupo e estabelecidos os primeiros contatos com a coordenadora. Esse primeiro grupo foi substituído por

38. Secretário é a denominação que as pessoas recebem, quando são responsáveis por uma das Secretarias que constituem o sistema organizacional da RCC, em nível regional.

outro, por causa das dificuldades criadas pela coordenadora, seu desinteresse pela pesquisa e reserva quanto ao trabalho. No segundo grupo, com uma acolhida mais aberta e poucas reservas relacionadas às orações de cura, iniciou-se o trabalho de investigação propriamente dito, seguindo os passos descritos:

- a) Contato com a coordenadora do grupo.
- b) Escolha de trinta elementos pertencentes ao grupo, a partir de critérios definidos:
 - adultos, na faixa etária compreendida entre trinta e sessenta anos, do gênero feminino e masculino, de qualquer grau de escolaridade.
 - Pessoas que tenham aderido à RCC, há, no mínimo dois anos.

- Adeptos com características de classe média alta, quanto ao nível socioeconômico (renda familiar mensal na faixa de quarenta salários mínimos, moradia própria, acesso a serviços de saúde de excelência, instrução básica completa).
- Sujeitos que tivessem experienciado momentos críticos nos aspectos psico-físicos e afetivo-social, ao longo da existência.

Em janeiro do ano 2000, foi iniciada a pesquisa propriamente dita. Os fiéis previamente sorteados foram contatados para uma sondagem sobre o seu interesse e disponibilidade em participar como pesquisados. Isso foi feito através de contatos pessoais nos grupos de oração ou por telefone, já anotados nos encontros anteriores. Nessa oportunidade reafirmou-se a temática e os objetivos do trabalho, bem como a sua importância para o estudo religioso, sociológico e psicológico desse novo movimento religioso.

Tendo em mente que se quer saber sobre a motivação para a adesão dos Carismáticos e as conseqüências dessa troca para os fiéis “transeuntes”, iniciou-se a dinâmica da investigação, através de entrevistas, observação nos grupos de oração e nos cenáculos.

A reflexão teórica sobre o tema e objetivos da pesquisa determinou a decisão de abraçar o desafio da realização de pesquisa qualitativa.

O modelo de entrevista escolhido é o semidirigido. Há necessidade de que o entrevistador estabeleça os temas a serem abordados. No modelo usado, detectam-se três temas básicos e, dentro dos mesmos, assuntos específicos. Os temas abrangentes são:

- a) história de vida (família primária);
- b) história de vida (família secundária);
- c) história de vida religiosa.

No roteiro, foram localizados pontos indispensáveis dentro de cada um dos objetivos delimitados, principalmente quanto ao motivo da adesão e à permanência no novo grupo.

Dessa forma, foram levantadas histórias de vida dos entrevistados. Para obter detalhes dos motivos e circunstâncias de suas adesões e permanência fez-se ainda observação direta desses fiéis em sua atuação religiosa, ao vivenciarem os rituais. Essa observação tem como fim tentar apreender, o mais intrínsecamente possível, suas expressões religiosas, suas manifestações exteriorizadas, suas

emoções expressas, suas integrações ao culto e aos argumentos bíblico-teológicos que sustentam esses cultos.

Para o registro das histórias de vida relatadas nas entrevistas, nos depoimentos e observações nos Grupos de Oração e nos Cenáculos, usou-se de gravações, anotações escritas e diários de campo.

Ao decidir usar o modelo de pesquisa antropológica, buscaram-se subsídios em Gilberto Velho.

Ele defende a possibilidade de se realizar um bom trabalho de campo na cidade de origem do entrevistador. Para isso, estabelece alguns pontos básicos:

1. Necessidade de uma percepção aguçada e isenta.
2. Capacidade para “estranhar o familiar”.
3. Estar atento para as equivalências culturais entre o pesquisador e o grupo pesquisado.
4. Neutralizar, na atuação profissional – entrevista e análise – os próprios preconceitos com relação à crença do grupo pesquisado.³⁹

Nesse momento da pesquisa, houve necessidade de aprofundar o estudo teórico nas categorias que embasam o trabalho para possibilitar uma melhor análise e interpretação do material recolhido,

centrada nas categorias: motivação para adesão, desamparo em Freud e Durkheim, processo de cura interior e física, subjetividade e mudança ética. Elaborou-se uma compreensão dos símbolos religiosos, considerando-se tanto o papel de analista, nesse

39. Gilberto Velho. "O Desafio da Cidade". Rio de Janeiro: Campus. 1980.

momento, quanto o papel do entrevistado como ator. Geertz fala da necessidade de se interpretar os símbolos religiosos no seu significado para o sujeito e para o intérprete. Para Ciampa é preciso entender que identidade os entrevistados assumem no grupo religioso. Goffman deu as coordenadas para a compreensão das mudanças na auto-imagem. Baseou-se em Freud para os conceitos de identificação, de projeção e do desamparo. Enfim Durkheim, com o seu conceito de força coletiva impulsionada pela impressão de desamparo, que considera-se o começo de tudo no rumo escolhido para esse trabalho, percorreu com a pesquisadora todos os passos do processo e também se fez presente na análise final, em que percebe-se a força coletiva impulsionando as emoções expressadas nos ritos, transformando-se em potência criadora

para a possibilidade de alívio do vazio interior que acomete o sujeito.

1.4 – O CAMPO PESQUISADO

O movimento religioso que tomou o nome de Renovação Carismática Católica iniciou-se nos Estados Unidos, em 1967, por professores da Universidade Duquesne que, por influência de grupos protestantes avivados, reuniram-se em retiro para “experimentar a transformação que o Espírito Santo podia operar nas pessoas”⁴⁰.

O movimento carismático chegou ao Brasil, segundo publicação da RCC, em 1972. Teria vindo através dos jesuítas e se sediado inicialmente em

40. Cf. Para maiores esclarecimentos ver Reginaldo Prandi. "Um Sopro do Espírito". São Paulo: Fafesp. 1997. p. 325.

São Paulo. Entretanto, Dom Cipriano Chagas é de outra opinião. Ele diz que a RCC foi trazida pelo padre Dougherty e foi “transmitida” ao padre Haroldo Rahn, em 1969⁴¹. Em Goiânia, a RCC chegou com o Frei Juvenal, da Paróquia São Francisco, localizada no Setor Universitário, em 1975⁴². Ao ser

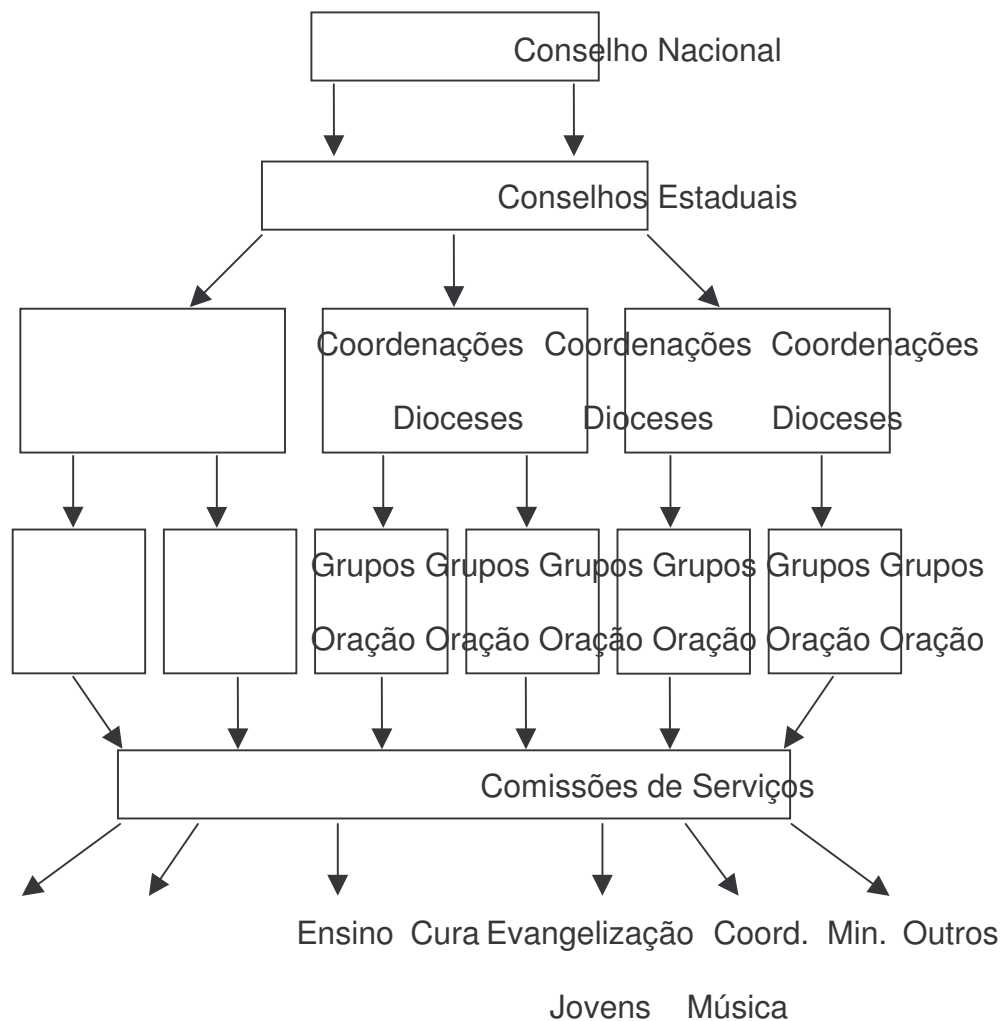
transferido Frei Juvenal, o leigo Sebastião Bernardino continuou difundindo o movimento. Tudo se iniciou com um pequeno grupo de oração, de mais ou menos quinze pessoas. Novos grupos começaram a se espalhar pela cidade: na Igreja Coração de Maria, na Catedral Metropolitana de Goiânia, na Igreja Santo Antônio de Campinas, na Paróquia São Paulo Apóstolo, este já em 1978. Hoje o movimento conta com aproximadamente vinte mil adeptos. Esse diretor informou também que já existe aqui até uma paróquia que é, toda ela, voltada para os fenômenos de reencontro das pessoas consigo e com Deus, isto é, totalmente voltada ao carismático. Trata-se da Paróquia Sagrada Família, situada na Vila Canaã.

A organização sistêmica da RCC no Brasil vai, desde o Conselho Nacional até as Comissões de Serviço, ilustrado no organograma a seguir:

41. Id. Ibid.

42. Dados obtidos em contato verbal com o Diretor da Instituição/Sede da RCC, em Goiânia.

ESTRUTURA SISTÊMICA: RCC



O Conselho Nacional é composto de quinze elementos e cuida da avaliação do movimento. Fazem isso em reuniões semestrais que, à

oportunidade, decidem sobre os projetos a serem desenvolvidos. Esse Conselho mantém articulação internacional. As Coordenações Estaduais respondem pela orientação teológica, da metodologia e da ética em nível de Goiás. Seu trabalho se faz junto com as dioceses, que formam também Coordenações Diocesanas. Estas interagem diretamente com os Grupos de Oração. Constituindo-se a “base da vida carismática”, citando Prandi ⁴³, estes, sob a direção do coordenador, reúnem-se semanalmente, com o objetivo primordial de promover a renovação espiritual das pessoas que dele participam. Nos Grupos de Oração são formadas as Comissões de Serviços. São minigrupos com uma pessoa responsável pela liderança de cada um deles. Formam-se tantos grupos quantos forem necessários para a realização dos trabalhos. Assim é que são criadas comissões de ensino, de cura, de jovens, de música, etc.

Os grupos de oração observados durante a investigação, comumente, seguiam um determinado ritual no desenvolvimento da oração. Em primeiro lugar, a coordenadora faz a acolhida aos presentes. Logo após, o Ministério de Música assume o

momento chamado de animação com cânticos, quando todos participam cantando e batendo palmas. Esse é também visto como a hora da preparação para a reza, para se fazer a introspecção. Depois acontece a hora de louvor a Deus, reafirmação da fé em Jesus Salvador, no próprio Deus morto e ressuscitado. A efusão no Espírito Santo vem logo a seguir. É uma experiência mística. A coordenadora sugere que se faça silêncio e que todos devem pedir, em voz baixa, a presença do Espírito Santo. Ficam assim durante alguns minutos e o Ministério de Música entra cantando: “Espírito de Deus, vem e fica aqui...”. Nesse ponto, os presentes são instruídos a estender os braços para a frente e as mãos abertas, com as palmas voltadas para cima. A coordenadora, então, coloca sua mão direita voltada para baixo,

43. Id. p. 35.

simbolizando estar colocando-a na cabeça de cada um dos assistentes. Faz-se novamente o silêncio que é interrompido pelos cânticos do Ministério de Música. Só aí inicia-se a pregação sobre o assunto escolhido para aquela reunião. Ao fim da pregação, a coordenadora sugere aos fiéis que fiquem em pé,

façam uma reflexão sobre Deus e o Espírito Santo. Aí eles vivenciam a experiência de “falar em línguas”. Falam baixinho, como um bebê se lamuriando. Palavras desconexas. Assemelha-se ao borborinho de pássaros em bando. É o momento de êxtase e exaltação – Ainda Durkheim? – Por certo, em menores proporções. É também a ab-reação ⁴⁴ de que fala Freud. O Ministério de Música canta, para um pedido final dos assistentes, feito também em voz baixa. Esse culto termina com a oração “Ave Maria”, em dois tempos, intermediada por um louvor ao Espírito Santo e agradecimentos. Os cânticos encerram a cerimônia, todos cantando!...

É óbvio que esta tarefa não é fácil.

O fenômeno – experiência religiosa – de complexo que é, necessita de mais do que a psicologia para compreendê-lo, mas também só a sociologia ou a antropologia não bastam.

Entretanto, é mister concluir que a psicologia, ao mesmo tempo que é apenas uma das ciências que pode *“contribuir na compreensão do fenômeno religioso, é também a ciência que possui os instrumentos para lidar com um dos fatores de maior*

44. Expressão exacerbada de emoções. Laplanche e Pontalis. "Vocabulário de Psicanálise". Santos. SP: Martins Fontes. 1970. p. 20.

45. Paulo Bonfatti. "Xô Satanás". Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora. 1998. p. 13.

Ao longo desse trabalho sobre um movimento neopentecostal, entendeu-se que há um chamado para que a psicologia dê a sua contribuição ao estudo e à interpretação de tal fenômeno.

Antropólogos como Pierre Sanchis acreditam que é preciso discutir com o psicólogo sobre os seus instrumentos para a percepção da experiência religiosa das comunidades emocionais, ou seja, dos movimentos de renovação carismática ou dos neopentecostais ⁴⁶.

Se de um lado a teorização básica sociológica e antropológica sustentam as categorias que compõem a dissertação, também, as interpretações subjetivas baseiam-se na experiência psicológica, principalmente na psicanálise freudiana.

O que se estabelece nessa dissertação é um diálogo interdisciplinar entre Sociologia, Antropologia e Psicologia, uma vez que se percebeu que a

Psicologia pode contribuir para a compreensão do processo que se desenvolve nessas novas experiências religiosas.

Crê-se, e com muita relevância, que os psicólogos só poderão ganhar ao considerar e apreender o processo psicológico que se desenvolve nas práticas religiosas, tanto para a explicação do psiquismo, como para aprimorar a sua forma de lidar com as necessidades afetivo-sociais dos seus pacientes. Isso porque os eixos que sustentam e justificam essa pesquisa centram-se na subjetividade dos adeptos como aspecto preponderante da motivação para a adesão e mudança de sentido de mundo que leva a nova postura ética perante a existência. Essas questões supõem mudanças de

46. Cf. Sanchis. "Estudos da Religião no Brasil". In: Sociologia da Religião no Brasil. São Paulo: PUC/UMESP. 1998.

identidade, que se fazem através de identificações, que, no seu fazer se voltam às experiências infantis, que ficam introjetadas no inconsciente. Então o sujeito que adere a RCC é o homem que busca a reconstrução de que fala Sanchis, a reinvenção na visão de Birman, a potencialização defendida por Freud e o fortalecimento que Durkheim descreve

como condição “sine qua non” da cultuação mesma do sagrado.

2 - A REINVENÇÃO DE SI: UM PROCESSO POSSÍVEL

A temática escolhida para esse estudo, trata dos motivos que impulsionam as pessoas à mudança de grupo religioso, no caso específico, da Renovação Carismática Católica. O empenho maior é compreender questões relacionadas à subjetividade dos sujeitos que fazem a passagem intergrupar e o começo dessa caminhada é uma indagação: Quem são os sujeitos que aderem à RCC? Essas pessoas, ao fazer espontaneamente o trânsito de um grupo religioso para outro, assumem uma

nova representação, uma nova identidade ¹. Isso repercute na sua estrutura inconsciente ².

Essa discussão sobre o processo de identificação dos adeptos à renovação carismática é indispensável para o conhecimento do conjunto de fatores que os identificam. A percepção do sujeito em sua experiência religiosa subsidia a visão de si e do mundo ³.

Pensa-se que, definindo-se com base na religiosidade, seus símbolos sagrados e seus conceitos normativos, a pessoa faz um processo diferente do que quando toma por base outros papéis do seu conjunto de representações.

A idéia é de que acontece uma revisão da própria imagem e identidade dos fiéis, uma vez que eles estejam interligados à rede de

1. Cf. Antônio C. Ciampa. "Psicologia Social". São Paulo: Brasiliense. 1984. p. 58-78.

2. Cf. Sigmund Freud. "Obras Completas". V. XVIII. p. 136 s.

3. O que o indivíduo pensa de si e do mundo assenta-se em sua religião. Conclusão possível ao refletir sobre o trabalho de Durkheim em "As Formas Elementares da Vida Religiosa". Petrópolis: Vozes. 1996. p. 216 s.

significados. O que se ressalta é o fato de a mudança de grupo religioso provocar alteração dos símbolos, das regras e preceitos codificados e aceitos anteriormente.

Ao analisar a tomada de decisão que resulta no ato de fazer parte de um novo grupo religioso, notou-se que os entrevistados fizeram, junto com essa decisão, a opção por assumir nova identidade, uma vez que elas passam a fazer identificações com o grupo a que se filiam. Embora a adesão à RCC não signifique, para os católicos, a mudança de uma

religião para outra, os adeptos estabeleceram um rompimento "parcial ou total" com o grupo religioso ao qual pertenciam. A alusão que se faz à ruptura parcial ou total é porque alguns fazem isso de forma gradativa e participam, ao mesmo tempo, de práticas do grupo anterior e do atual, como no caso de Cléa, analisado no terceiro capítulo. Essa parcialidade dificulta o desenvolvimento do processo de identificação no novo grupo escolhido. Os que rompem totalmente com as práticas do antigo grupo vivenciam, na situação nova - RCC -, experiências fervorosas e intensas que são manifestadas em um estado de alegria interior, de força, como expressaram Maria de Fátima, Ilda, Léa e outros. Esse estado de interação decidida favorece a redefinição da identidade. Redefinição da identidade que resulta da identificação com o novo grupo religioso, identificação que advém da descoberta, que os adeptos fazem de poder partilhar qualidade comum com os componentes do grupo em questão. Ao se definirem, os fiéis assumem configurações, segundo os papéis que passam a desempenhar. Eles começam a retratar-se segundo as características que as normas desse grupo sustentam e que tais papéis exigem deles.

2.1 - IDENTIDADE E IDENTIFICAÇÕES

As observações e estudos das histórias de vida dos sujeitos pesquisados demonstram que eles, ao decidirem fazer o trânsito religioso, fazem a opção de redefinir suas identidades religiosas. Essas pessoas passam a conviver com uma percepção diferente de si mesmas e a expressam nas suas atitudes externas. São representações determinantes da realidade

significativa dos sujeitos. Para Ciampa, essa mudança dos sujeitos no próprio referencial se faz por causa da experiência participativa dos mesmos, em novo grupo religioso. Ciampa defende a identidade como um conjunto de papéis desempenhado pelos sujeitos nos vários grupos em que eles se introduzem e vai muito mais além.

Na sua abordagem psicossocial, ele associa o processo de construção da identidade com o de identificação e, assim sendo, o sujeito, na tentativa de se definir, assume papéis que configuram a representação do seu eu e demonstram os caracteres da construção de sua identidade. Ele – o sujeito – se apresenta aos outros como um representante de si. Dessa forma, pode-se considerar que a estrutura social determina a formação das identidades, de um lado e, de outra forma, essas mesmas identidades interferem nas mudanças e/ou manutenção do contexto social ⁴.

A identidade discutida sob esse ângulo traz a questão da temporalidade, uma vez que as pessoas podem ser identificadas pelo papel que representam em um determinado momento e numa dada situação

4. Cf. Antônio C. Ciampa. Op. cit. p. 58-78. Passim.

como, por exemplo, num grupo tal, na época tal ⁵.

Entende-se que os sujeitos se identificam de forma objetiva e subjetiva. O ato de identificação é condição indispensável para que as pessoas possam construir sua dimensão subjetiva e a sociedade tem papel preponderante nesse processo construtivo. Isso, porque as representações

formadoras do seu subjetivismo se formam das experiências vividas em que o sujeito se vê como o Eu e o Não Eu ⁶.

No grupo em que se desenvolveu a pesquisa, pôde-se observar que os entrevistados têm grande necessidade de fazer a relação entre o antes e o depois da adesão ao movimento, na referência de si. A tendência é de comparar o que eles eram na outra religião e o que são agora ^{*}. Eva relata isso ao ser entrevistada:

... "quando eu não era da Renovação, eu não tinha compromisso com a oração nem com o Espírito Santo. Nunca imaginei que o Espírito Santo fosse estar presente dentro de mim. Aqui me sinto - igual num trato com Deus; com a responsabilidade de louvar a Deus, sempre"...

Eva parece necessitar reafirmar que era diferente antes da adesão e para pior. Agora se percebe melhor, mais compromissada. Na verdade ela fala de sua identidade, com características tempo-espaciais, como já citadas, com valoração específica, segundo o grupo em que se integra; então, é possível

5. É importante refletir nessas expressões de Ciampa: "Identidade é movimento... identidade é metamorfose. É sermos um e um outro, para que cheguemos a ser um, numa infindável transformação" (Ciampa, 1984: 74).

6. Berger e Luckmann acreditam que a identidade é "um elemento-chave da realidade subjetiva" (Berger e Luckmann, 1991, p. 228).

* O que eles eram não só em outra religião, mas, sobretudo, em outras práticas religiosas dentro da mesma religião - é o caso da RCC.

haver mais de uma identidade social, não só as associações à etnia como descreve, com muita propriedade, Roberto C. de Oliveira, mas como o produto de um sistema representativo de relações conscientes e também inconscientes que determinam, para as pessoas, a visão de si mesmas ⁷.

Quando Eva descreve a sua maneira de ser de forma diferenciada, é, pois, a auto-imagem que ela expressa. Seu discurso pode ser interpretado no seu conteúdo manifesto, ou seja, o que está claro e objetivado é a diferença do seu compromisso anterior à adesão e posterior a ela. Há também o conteúdo latente do discurso de Eva, que tem como essência o conflito dialético, na sua composição ambivalente: - o sentido angustiante do "não ter sido" e o desejo compensador do "estar sendo" ⁸.

Das diversas formas de identificação que a psicanálise estabelece como elementos constituintes da identidade do homem, a que se enfoca é a identificação advinda da descoberta, pela pessoa, da possibilidade de partilhar uma qualidade comum com alguém. Essa identificação não está ligada a instintos sexuais, mas às necessidades sociais, de contato com o outro, de criar laços. Quanto mais importante é essa qualidade para o sujeito, mais sucesso pode ter essa identificação ⁹.

Esse é o tipo de identificação que motiva os vínculos mútuos entre os indivíduos de um grupo. Esse processo identificatório tem, como sustentação básica, interesses emocionais comuns enfocados pelo líder

Rosa, outra entrevistada, em uma parte de seu depoimento, durante

-
7. Ciampa. Op. cit. p. 58-78.
 8. Ciampa. Op. cit. p. 58-78. Passim.
 9. Freud. "Obras Completas", Vol. XVIII. p. 136.
 10. Freud. Op. cit. p. 136 s.

a entrevistada, foi explícita ao qualificar a pregadora do seu grupo com qualidades afetivas que são importantes para ela. Sua fala: "minha pregadora transmite força e esperança". Ao ser interrogada se a renovação carismática a ajuda e em que pontos, respondeu:

- "no espiritual, no emocional e nos ensinamentos ... Eucaristia é o mais importante ... tenho o coração fechado, nunca recebi o dom ... de Deus falar comigo na oração! Vim para a RCC por causa da depressão. Em 93 tive uma crise de desequilíbrio ... deixei a fantasia dominar - fiquei louca. Depois que vim para cá não tive mais crise".

Rosa faz certa identificação com a líder do grupo e até mesmo manifesta empatia ¹¹ para com ela que, embora seja também uma líder instituída, assume o papel com um carisma próprio – Rosa demonstra também necessidade de mudanças para conseguir abrir o coração a Deus -. Isso acarreta cobranças de si mesma, que pode gerar angústia. A entrevistada fala dos seus motivos para a adesão, o que ela chama de "depressão" e de "crise de desequilíbrio". Ela menciona também a sua necessidade de criar vínculos de união no grupo e alega que não conseguiu isso ainda. Esse fragmento da narração de Rosa - e não só na dela - retrata o ser dialético de

Freud ¹² e Durkheim ¹³ na dicotomia da impressão do desamparo e da necessidade de potência e força.

11. Freud faz alusão à "empatia" quando trata desse assunto. Parece-me oportuno se a percepção da empatia se ativer ao conceito da aceitação do conteúdo emocional do outro, mesmo que ele seja algo novo, para quem se permite experimentar o processo empático. É pois uma situação cognitiva em que uma pessoa compreende a outra sentindo como se fosse essa outra. CF. "Dicionário Técnico de Psicologia". Op. cit. p. 106.

12. Sigmund Freud. Obras Completas. V. XXI. Rio de Janeiro: Imago Editora. Passim.

13. Èmile Durkheim: "As Formas Elementares da Vida Religiosa". São Paulo. Martins Fontes. 1996. Passim.

2.2 - PECULIARIDADES DO GRUPO

O grupo de entrevistados se compõe de diferentes denominações religiosas originárias. Das trinta pessoas pesquisadas, dezesseis delas informaram "sempre terem sido católicas", freqüentadoras das práticas tradicionais da religião, como assistência à missa, comunhão e outras liturgias específicas: novenas, rezas do terço, procissões. Também participavam dos movimentos pastorais. Eram engajadas nos grupos de casais, de jovens, na pastoral da criança e aceitavam os dogmas católicos. Oito participantes declararam ser católicos não praticantes. São batizados, crismados, fizeram primeira comunhão. São católicos, porque nasceram em famílias católicas. Das outras sete pessoas, seis disseram vir do espiritismo, e a outra fez o trânsito do protestantismo para a RCC.

Todos os pesquisados afirmam que aderiram à RCC com objetivos intimistas, pela cura de doenças físicas e emocionais.

Há unanimidade na opinião dos componentes do grupo trabalhado quanto à crítica a uma grande quantidade de católicos no seu "passeio pelas religiões, pelos gurus e ledeiras de sorte". Esses católicos são

vistos como pessoas sem determinação, incapazes de fazer e assumir compromisso religioso ^{*}, enquanto os Carismáticos demonstram a capacidade para tomar decisão, assumem identidades influenciadas nas identificações com os elementos sagrados, nas experiências de cultuação deles e nos seus valores éticos e morais.

* Cecília Mariz descreve a identidade dos católicos como "basicamente coletiva e ritual", ao que Boff - 1976, citado por ela, chama de identidade sacramental". (Cecília Mariz, Comunicações do ISER 45. p. 29).

Embora Alberto Antoniasi afirme que os católicos que aderem aos pentecostais e neopentecostais, inclusive aos Carismáticos, sejam os que já se encontram ausentes da instituição – Igreja ¹⁴ –, parece ser imprescindível analisar a questão na sua complexidade maior, mais precisamente, a construção da subjetividade do sujeito. O estudo das histórias de vida dos entrevistados, em suas diferentes fases, bem como nas suas trajetórias de socialização, mostra que eles aparentam certa semelhança com relação às orientações religiosas recebidas das famílias. Entende-se que essas pessoas, ao se perceberem em situações críticas, ao mesmo tempo que deparam com o oferecimento de novas alternativas religiosas, não se identificam mais com os símbolos religiosos do seu antigo grupo. Por seu lado, tal simbologia não atende mais a demandas subjetivas. Elas passam, então, a procurar outro sistema simbólico que satisfaça aos seus anseios.

A subjetividade inconsciente que Freud descreve em "O ego e o id" (1923), explica o fato de que orientações religiosas na infância tendem a ser repetidas na vida adulta. Carlos narrou um fato ilustrativo disso no seu depoimento sobre a vida religiosa:

"... minha mãe era católica e o meu pai era espírita. Eles brigavam muito para me levar ao culto deles, até que chegaram a um acordo ... eu ia à missa aos domingos com a mamãe e ao Centro Espírita às quartas com o meu pai. Eu sempre gostei de ir aos dois, mesmo depois de adulto. Só parei quando encontrei os Carismáticos."

-
14. Alberto Antoniasi. "A Igreja Católica face à expansão do pentecostalismo". In: "Nem anjos nem demônios". Petrópolis: Vozes. 1994. p. 17-23.

Pode-se conceber que, ao procurar a renovação nas práticas religiosas e efetuar a adesão à RCC, Carlos repete experiências de infância. As pessoas respondem a um determinismo interno que as impulsiona a ir ao encontro de um sistema capaz de doutrinar o mundo. A subjetividade inconsciente dessas pessoas é que permite a sua volta à religião. Dessa forma, os Carismáticos estão mais afetos à essa continuação da religiosidade aprendida do que ao conceito de sujeitos que abandonaram a igreja. No relato de Carlos, fica patente, também, que o sincretismo religioso pode ser aprendido e determinado muito antes da idade adulta ¹⁵.

Ao descrever a luta que trava o neopentecostalismo com o que ele chamou de "cultura católico-brasileira", Pierre Sanchis alega que o pentecostal responde por uma decisão tomada, ao assumir "uma identidade única". Essa identidade é que se torna orientadora e organizadora da existência. "O fenômeno do "Batismo no Espírito Santo" estabelece um corte, o fim da dispersão identitária..." ¹⁶.

Entretanto, é preciso ressaltar que os grupos religiosos escrevem a sua história no contexto social e influenciam as identificações dos seus adeptos. Isso significa que, ao analisar as crenças do grupo religioso a que pertencem e o outro grupo ao qual pretendem se filiar ou ao qual já se filiaram, as pessoas estão desenvolvendo o seu processo de identificação. O fiel pentecostal, o Carismático ao se identificar, experiencia o fenômeno de se unificar com o objeto da identificação, o Espírito Santo. É uma situação de

15. Na história de vida de Carlos essa determinação do sincretismo é evidenciada, na sua participação nas religiões católica e espírita, desde criança.

16. Cf. Pierre Sanchis. "O Répto Pentecostal à Cultura Católico – Brasileira". In: "Nem anjos nem demônios". Petrópolis: Vozes. 1.996. p. 47.

integração intersubjetiva em que o "Eu é um Outro" ¹⁷.

A discussão sobre identificação, já iniciada no item anterior, volta aqui com força, uma vez que é um elemento determinante para a possibilidade de efetivação do trânsito religioso, bem como do fenômeno religioso na sua forma geral. Essa identidade que o neopentecostal faz e que Sanchis chama de identidade única, tem características tempo-espaciais, por isso não impede a existência de outras. Ela é única com respeito ao campo religioso escolhido e aos símbolos sagrados – objetos das identificações -.

Atenta-se, ainda, para a forma de como os Carismáticos definem a sua identidade vinculada aos conceitos de honestidade, de fidelidade e de fé e como, dentro desses conceitos, o sincretismo religioso é, para eles, o não-respeito aos valores citados. Estes valores, em suas visões, sustentam a dignidade do homem.

Os adeptos podem representar uma identificação para com o grupo, por causa da sua necessidade de provar a si mesmos e aos outros que a sua escolha é a melhor. E, mais ainda, a única opção de felicidade.

Percebe-se que a identidade dos adeptos da RCC recebe influência decisiva da posição que o sujeito ocupa na vida social. As relações afetivas experienciadas na história de vida das pessoas determinam as suas decisões identificatórias.

As pessoas entrevistadas, cujos requisitos já foram citados no primeiro capítulo, demonstraram pontos de similaridades nas suas identidades. Elas têm posturas semelhantes no que tange a decisões

17. Cf. Rimbaud, apud Pierre Sanchis. Op. cit. p. 50.

importantes. Todos os adeptos participantes das entrevistas demonstraram grande interesse e vontade de cooperar. Não se percebeu resistência de nenhum deles para com as propostas e perguntas da pesquisadora. Alguns fizeram muita força em participar. Demonstraram valorizar a oportunidade de poder falar sobre si próprios, sobre sua religião, seus símbolos sagrados, sua adesão.

Quanto a seus discursos, muito embora com características próprias na maneira de se comunicarem, destaca-se a existência de dois tipos de atitude nas comunicações verbais. Alguns foram muito extrovertidos e outros introvertidos¹⁸, muito embora todos impregnassem as suas falas de emoção, dando a impressão de que, para eles, o vínculo da

narrativa, com a expressão apaixonada dos temas, chegava a ser um compromisso. Falavam com sofreguidão, parecendo querer provar sentimentos sinceros, criar impacto e impressionar bem. Isso pode ser encarado como uma forma de representação, baseada no que Goffman chama de representação sincera, uma vez que esses indivíduos indicam acreditar na impressão que sua representação causa. Ao crer no papel que representa, o sujeito que encena o crê real, verdadeiro. Essa crença do ator sugere ao seu público, de maneira geral, a mesma impressão de realidade que sustenta a sua representação ¹⁹.

18. Tipos de personalidade introvertida e extrovertida é uma classificação de Carl Gustav Jung (1921). No contato social a pessoa introvertida se comporta de forma intimista, voltada para si mesma. A pessoa extrovertida expressa suas emoções de forma desenvolta. Álvaro Cabral e Eva Nick. "Dicionário Técnico de Psicologia". São Paulo: Cultrix. SD. p. 276-77.

19. Erving Goffman. "A Representação do Eu na Vida Cotidiana". Petrópolis: Vozes. 1999. p. 26.

Embora com características individualizadas na expressão de suas emoções, os adeptos mantiveram a necessidade de exibir manifestações de felicidade em todos, ou quase em todos os aspectos. Enfatizaram, muitas vezes, uma certa harmonia interior; um estado emocional equilibrado que só existe por causa da nova escolha religiosa. Léa se manifesta com veemência e ardor no seu relato:

"... o meu encontro com Deus foi igual um tratamento ... quando a pessoa encontra com Deus, começa a curar de tudo que tem. Ele resolve tudo. Eu era raivosa ... não gostava de ninguém ... a

minha tristeza saiu de mim quando encontrei Jesus ... naquela palavra ... tirou tudo ruim meu ... sou alegre e calma".

Essa entrevistada parece querer provar para si mesma e para a entrevistadora, que está bem e que Deus a ampara nas suas necessidades²⁰.

É nítido o esforço que Léa faz para falar coerentemente sobre a sua mudança. Ela afirma que Deus pode tudo e ela é amparada por causa do louvor que faz a ele, assumindo todos os valores e normas estabelecidos e transmitidos pelo Espírito Santo.

A ênfase do discurso de Léa se fundamentava em estar bem, saudável de corpo e mente. Só após isso é que acontece a satisfação social e a de subsistência. As relações familiares e conjugais são referidas em último plano. Isso acontece também com outros entrevistados.

20. Pode tratar-se de racionalização do desejo, no caso citado, desejo de potência, para lidar com suas dificuldades. Racionalizar é auto-sugestionar-se sobre situações ansiolíticas internas. Léa repudia em si mesma a fragilidade, por isso estabelece uma forma mais aceita pelo seu grupo religioso, para provar que "resolveu suas dificuldades", porque está forte, com Deus amparando-a. Cf. Freud. Obras Completas. Vol. XX.

Os entrevistados necessitam acreditar na eficácia da sua escolha e que sentem uma certa nostalgia com relação ao grupo anterior. As identificações positivas são desejadas e empreendidas, com a intenção de sobrepujar o seu grupo quanto às qualidades de solidariedade, verdade, bondade, eficiência. Loquazes ao exprimir pontos positivos do seu grupo, tentam a todo custo convencer, quanto a predicados da RCC, todas as pessoas que querem ser felizes. É essa necessidade de identificações

positivas que incentiva cada elemento do grupo a demonstrar a supremacia da sua escolha e qualificá-la como a mais perfeita expressão da verdade. Se o sujeito acredita que o seu grupo é o melhor, então, ele se coloca na posição de se identificar com objetos bons, certos, isto é, positivos. Esses objetos de identificação incluem os símbolos sagrados, os líderes - pregadores -, os outros elementos do grupo. É como se dissessem: - "Eu faço parte do melhor, porque sou bom". Diante disso, há uma determinada congruência em temas existenciais no que tange a:

a) *Imagem Corporal*: os pesquisados apresentam-se vestidos com sobriedade, com recato e a maioria, com pouca demonstração de vaidade, mas demonstrando cuidados quanto à estética. Uma minoria se apresenta vestida de forma que se pode interpretar como desleixo ou desarrumação. Cem por cento das mulheres pesquisadas usam o terço dependurado ao pescoço. Algumas beijam a cruz do terço de quando em quando. Os homens também se apresentam com vestimentas próprias para a faixa etária a que correspondem. Usam roupas de boa qualidade, mas sem ostentação. Em média, cinquenta por cento usam o terço ao pescoço. No entanto, nenhum faz o gesto de levar a cruz à boca e beijá-la. Embora a imagem corporal não indique nenhuma particularidade relacionada à vida religiosa, o terço dependurado retrata determinada intenção de estigmatização para quem o usa.

b) *Vida social e hábitos de lazer*: o grupo pesquisado, segundo as informações dos seus membros, seleciona os lugares e pessoas que freqüenta e com quem sai. Os que têm vida noturna o fazem

discretamente e sempre com pessoas da religião. Não se sentem bem em companhias de quem não fala sobre os mesmos assuntos que eles. Muitos deixam claro que saem quase que só para ir à igreja e acham que isso já é lazer. Vários adeptos dizem ter prescindido da sua vida social e, ainda, que não sentem falta dela. Alguns usam expressões como as de Celso: *"... fui deixando aos poucos todas as diversões. Bebidas, cigarros, carnaval, tudo perdeu a sua razão de ser. Só o encontro com Deus enche de alegria de verdade. A vida mundana é vazia, sem plenitude"*.

Os fiéis, em unanimidade, não são portadores de vícios. Os que bebiam e fumavam deixaram de o fazer, após o ingresso na RCC. Denise afirmou, na sua entrevista, que hoje toma, às vezes, em reuniões festivas da família, um copo de cerveja, mas quer deixar de fazer isso também. Outras três pessoas disseram já haver experimentado drogas, mas abandonaram esse "vício" depois que entraram em contato com Deus. O que eles declaravam tem um significado parecido com expressões de que as coisas profanas são destrutivas e não são elas que aliviam o vazio interior que eles sentem. Para os fiéis entrevistados, o importante é estar com Deus e, se para isso têm que mudar suas identidades religiosas e sociais, assim o fazem.

c) *O trabalho está sob os desígnios de Deus*: os participantes da pesquisa se percebem laboriosos, exercendo suas ocupações com eficiência e eficácia, "porque têm Jesus apoiando-os e mostrando sempre o caminho a seguir para o desenvolvimento dos seus trabalhos". Trata-se de um grupo diversificado quanto à profissão. Há funcionários de empresas privadas e públicas (todos têm empregos cujos rendimentos lhes permitem padrão de vida média alta). Há empresários, profissionais liberais de diversas áreas. Existem também professores de segundo e terceiro graus. Alguns do grupo já estão aposentados - não é intenção da pesquisadora colocar aposentados como uma categoria; são aposentados de todas as áreas citadas. Todos alegam entregar seus trabalhos nas mãos de Deus pela mediação do Espírito Santo. Ivo, conselheiro de uma grande empresa, após ter se aposentado como superintendente nessa mesma firma, diz que *"as coisas já foram muito difíceis quando ele ainda não era íntimo de Deus, antes de aderir ao movimento renovador"*. Ele nada faz sem pedir autorização a Deus. Ivo é odontólogo. Suzana, administradora de empresa, é funcionária pública federal de grande sucesso. Diz estar onde está porque sempre faz oração antes de ir para o trabalho e *"Deus dirige todas as situações de embaraço para mim. Saio bem de todas elas. Mas por causa Dele"*. (Nesse momento levantou os olhos para cima e os mesmos umideceram-se). Sílvio é um dos profissionais liberais pertencentes ao grupo, é psicólogo e diz literalmente: *"... convoco Deus para entrar comigo no consultório antes de dar atendimento a cada cliente ... é ele quem fala através de mim"*. Outro profissional autônomo é o advogado Ernesto que afirma entregar a Deus todas as suas causas. Ele obtém sucesso em

todas elas. Em todas as suas petições ele coloca à direita da folha, embaixo, as letras: DG que significam: "Deus te Guie". Ernesto afirma que tudo isso só começou a acontecer após o seu ingresso no movimento de renovação carismática. Os empresários são mais veementes e unânimes ao dizerem que deixam seus negócios nas mãos de Deus. Jaime alega com muita emoção que seus negócios nunca iam para frente. Depois que ele aderiu à RCC, só tem lucro, "*é Deus quem toma conta de tudo*", diz.

Nesse ponto vale uma análise etnográfica. Com base em Geertz, a religião é também metafísica, isto é, baseada nos conhecimentos de razão pura e da essência, e ela é mais do que isso. Há um compromisso moral com os símbolos sagrados - objetos dos cultos -. Há uma relação dicotômica nas sugestões que o sagrado faz quanto a estimular a fé, de um lado, e, ao mesmo tempo, exigir que ela seja cada vez mais intensa²¹. A ação dos fiéis, contada nos seus relatos, demonstra a força que a RCC, como um sistema religioso, tem sobre as suas identidades morais, éticas e existenciais.

Os relatos das pessoas, ouvidas pela entrevistadora, retratam as suas crenças de que o seu sucesso nos diversos aspectos de sua vida - físico, mental, emocional, profissional, social -, se fundamenta no fato de que Deus os ouve e os atende. Fica explícito que a RCC tenta prover os seus adeptos dos significados que lhes propiciam a possibilidade de interpretar a sua experiência e organizar o seu comportamento. A RCC, como religião que é, vai além disso.

21. "... Formulado como mana, como Brahma ou como a Santíssima Trindade, aquilo que é colocado à parte, como além do mundano, é considerado, inevitavelmente, como tendo implicações de grande alcance, para a orientação da conduta humana". Clifford Geertz. "A Interpretação das Culturas". LTC, Rio de Janeiro, 1989. p. 143.

Ela simboliza os significados, cultua esses símbolos e denomina os mitos correspondentes. Parafraseando Geertz, esses sujeitos tomam, como referência para sua visão de mundo, esse conjunto de significados, símbolos e mitos ²². Faz-se assim, mudanças conceituais, capazes de direcionar o olhar dos adeptos em rumos diferentes. É uma verdadeira mudança de direção na vida dessas pessoas.

2.3 - A MUDANÇA DE ROTA

Mudanças de opções religiosas sempre exigiram das pessoas rupturas em seus conceitos. A possibilidade de redefinição do campo religioso está sempre associada a mudanças no contexto social. Essa associação é uma via de mão dupla, ou seja, a religião é determinada pela sociedade, de um lado e, ao mesmo tempo, provoca transformações sociais, ao modificar os indivíduos em relação às suas identidades, seus códigos éticos e suas referências de emoções sentidas e expressas.

Historicamente, a questão das adesões religiosas remonta ao politeísmo e continua no monoteísmo, ou melhor, desde o domínio da magia até o da razão, os fiéis tendem a transitar pelos vários sistemas religiosos. O pluralismo religioso das sociedades modernas aguça ainda mais essa tendência de transição, mesmo porque são formadas grandes variedades de

22. Id. Ibid.

modalidades religiosas. É um fenômeno que só existe, porque a sociedade o acolhe de forma calorosa. A clientela que é atraída para essa variedade de oferta religiosa, é determinada por motivação própria e particularizada, segundo o tipo de oferta desses novos movimentos.

As causas sociais para a adesão são claras, e todas aquelas citadas pelos autores contemporâneos consultados encontram-se, em maior ou menor grau, nos adeptos do neopentecostalismo.

Durkheim já previa, desde o fim do século XIX e início do século XX, a tendência sincrética do pensamento religioso ²³. Sanchis faz o comentário sobre o assunto quando fala do desafio pentecostal em "Nem anjos nem demônios". O que Sanchis quer demonstrar é que as religiões sempre estiveram afetas ao sincretismo e que as pessoas fazem as suas adesões com base em interesses individuais e coletivos ²⁴.

Os novos movimentos religiosos que proliferam abundantemente no Brasil, em maioria neopentecostais, desde a década de setenta, incluindo o movimento da RCC, propõem aos indivíduos a oportunidade da libertação de tudo o que representa o mal, ou seja, tudo aquilo que acarreta sofrimento (traumas, tristezas, vícios, pobreza, falta de sentido na vida) ²⁵.

Uma vez que a estrutura social é tanto objetiva como subjetiva, a compreensão de um fenômeno social e religioso só poderá estar completa,

-
23. Èmile Durkheim. "As Formas Elementares da Vida Religiosa". Op. cit. Passim.
24. "... o modo todo especial com que as concepções religiosas (eminentemente coletivas) se misturam e se separam, se transformam umas nas outras, dando assim origem a composições contraditórias que contrastam com os produtos habituais de nosso pensamento popular". (Les Règles de la Methode Sociologique, Paris, PUF, 1968). Apud Sanchis, Pierre. "Nem anjos nem demônios". (1996, p. 43).
25. Vários autores trabalham esse assunto. Fernandes (1994, p. 164), relaciona a teologia da libertação com os movimentos atuais, salvaguardando as diferenças entre ambos. Cecília Mariz (1994), descreve sobre a forma das igrejas pentecostais, as quais oferecem possibilidades de libertação.

com o entendimento da dimensão subjetiva da motivação.

A motivação intrínseca e extrínseca é muito mais afeta às identificações das pessoas. Tem a ver com a sua história de vida e com as experiências determinantes de suas introjeções psíquicas ²⁶.

As observações feitas no grupo estudado permitiram a percepção de que a oferta do produto religioso através da comunicação falada, escrita e televisada, bem como os testemunhos nos grupos de oração, nos encontros, não são as causas primordiais da mudança.

As relações humanas mais próximas e diretas, eivadas de solidariedade, do sentido de fraternidade e da atitude de acolhida que os Carismáticos usam e fazem questão de propagar, apresentam-se como uma das formas motivadoras da mudança ²⁷. Muitas delas são mais fortes do que os produtos da mídia.

A ênfase no sagrado é também fonte de motivação para o trânsito religioso. Embora Bingemer acredite ser essa ênfase muito sedutora para os fiéis ²⁸, é nos símbolos sagrados que eles projetam os seus desejos de amparo. Acredito que a sedução está na forma de divulgação do poder sagrado de resolver todos os problemas, quer nas doenças físicas e

emocionais, quer nos aspectos existenciais: profissionais, familiares, econômicos, conjugais.

Uma vez que haja mudanças no simbolismo religioso, bem como na

26. Introjeção é um termo psicanalítico para indicar o ato de fazer inclusão de objetos identificados (pessoas, sentimentos) ao sistema subjetivo (Ferenezi). Jung chega a ver a introjeção como identificação parcial. Freud a define como internalização de experiências vividas, no início da existência, com pessoas significativas para o sujeito.

27. Cf. Alberto Antoniazzi. Op. cit. p. 21-22.

28. Bingemer, citado por Maria Clara Luchette. 1998. p. 22.

forma de cultuá-los, acredita-se, com base em Rolim ²⁹, que, na decisão de fazer a troca de suas práticas e/ou do seu sistema religioso, o sujeito oportunize um corte na história de sua religiosidade. Diante disso, ele precisa se identificar com os novos símbolos e com as diferentes interpretações dessa simbologia. Enfim, que motivos levam as pessoas a trocar de religião, e a manter sua opção? Em se tratando dos Carismáticos, mesmo os católicos, deixam a maneira tradicionalista de vivenciar a religiosidade e fazem a mudança para um movimento que se apresenta como renovador.

Uma constatação apriorística se refere ao fato de que várias pessoas, pertencentes à classe média e média alta, estão aderindo a outra religião, que não a sua. Esses mutantes falam de motivações variadas. As observações realizadas demonstram que a adesão é precedida de uma série de questionamentos com relação a sua religião anterior. É óbvio, então, que esses questionamentos incluam mudanças das práticas religiosas tradicionalistas e conservadoras para uma forma nova de vivenciar o sagrado, bem como um sistema ritual diferente para cultuar os símbolos. A renúncia que

as pessoas fazem de seus valores introjetados, e o conflito gerado por ela cria a necessidade de uma reflexão plural e profunda *.

Considerando a religião como um fenômeno sócio-antropológico e psicológico, acredita-se que ela transcende a expressão consciente do indivíduo. Por isso é necessário se ater ao imaginário e simbólico do seu

29. Francisco Cartacho Rolim, no seu artigo "A Propósito do Trânsito Religioso". Comunicações do ISER - 45, p. 15. 1994, aborda a questão da mudança de identidade. Para ele o adepto "... girava numa determinada órbita e, num dado momento começa a tomar outra rota".

* Plural, desde que é oportuno refletir a motivação no contexto religioso, no tempo e no espaço para conhecer o seu sentido social. Reflexão profunda no que diz respeito à individualidade do sujeito, no caráter subjetivo, consciente e inconsciente.

discurso, ou mais explicitamente, descobrir a significação daquilo que o sujeito diz sobre a sua redefinição religiosa. A história de vida das pessoas é fator importante na necessidade que elas têm do contato com o sagrado como forma de resolução de seus problemas. A RCC permite ao seu adepto viver a sua fé com emoção apaixonada e crer no mundo sobrenatural e promissor. Mas sustenta, de outro modo, a racionalização do mundo. No limite, respeita a liberdade do sujeito de contatar com a dimensão racional e irracional - aspectos coexistentes em todo indivíduo ³⁰.

Os Carismáticos fazem a adesão e se mantêm na RCC, não só por causa das razões objetivas, mas, também, e sobretudo, por causa dos motivos intrínsecos que se identificam com a sua forma peculiar de interpretar e cultuar o sagrado ³¹.

2.4 - DO DESAMPARO DE ORIGEM À EXPECTATIVA DE CURA

Ao entender que é primordial atentar para o conteúdo simbólico da fala dos adeptos, parte-se para a reflexão sobre o descrito nas suas histórias de vida.

As pessoas, em seus depoimentos, fazem alusão a situações de sofrimentos intensos, causados por doenças, morte, angústia e depressão.

A palavra desamparo é usada por muitos fiéis, o vazio é usado em

30. Cf. Fry e Howe. Citação do "Dicionário Crítico de Sociologia". Boudon e Bourricaud. São Paulo: Ática. 1993.

31. Id.

todas as histórias de vida analisadas, e também expressões: "uma tristeza inexplicável"; "um vazio desesperador"; "uma sensação de não poder mais" e tantas outras afirmações que significam estarem vivendo crise interior de identidade psíquica e sócio-religiosa.

Uma leitura aprofundada dos motivos que sustentam a busca de Deus na RCC bem como a permanência dos sujeitos nesse movimento renovador, tem por força que se ater a indagações pertinentes quanto ao oferecimento desse grupo religioso aos seus fiéis. A oferta da RCC, assunto do terceiro capítulo, mobiliza as pessoas para a reconstrução de si mesmas. Mas considera-se, ainda, indispensável atentar para uma disponibilidade interna como determinante das respostas positivas que os fiéis dedicam às ofertas simbólicas do movimento religioso que se propõe renovador.

As pessoas entrevistadas citam, com muita ênfase, em seus depoimentos, a cura das doenças como uma das causas mais preponderantes do trânsito entre religiões. Conceitua-se, aqui, doença em sua amplitude total, incluindo o sofrimento e as dificuldades emocionais.

A análise do significado subjacente ao que é falado permite antever a possibilidade de que a pessoa que fala do vazio, da angústia, da sensação do desamparo, esteja fazendo referência ao motivo da sua adesão. Motivo inconsciente³² da sua necessidade de proteção de Deus para que ele possa se haver com o seu desamparo³³. Se haver com o seu desamparo é o mesmo

32. Inconsciente é um conceito psicanalítico, de uma "estrutura" que contém os conteúdos recalçados. Esse processo de recalçamento é o responsável pelo estado da não consciência de tudo o que conduz ao sofrimento: desejos, sentimentos, fantasias. C.f. Freud. Obras Completas. V. XIX. P. 19-27.

33. Cf. Alexandre Jordão. Narcisismo e Reatividade em Psicanálise: por uma clínica afirmativa. Projeto para Exame de Qualificação ao Doutorado. UFRJ. Rio de Janeiro, 2000.

que compreender que essa impressão primordial lhe é inerente, e só há uma forma para lidar com ela, encarando-a e reconhecendo-se dialético, idéia já explicitada anteriormente. Essa compreensão do seu conflito leva o homem a aceitar sua condição de ser desamparado e megalômano. Ao enfrentar a sua parcialidade, com o apoio de Deus, o indivíduo só se constitui como unidade quando reconhece sua alteridade. Consegue então o equilíbrio do conflito entre a fantasia do estado de desamparo e da onipotência.

Na perspectiva de compreender e analisar as questões da motivação subjetiva, é oportuno transcrever o depoimento

observado pela pesquisadora, à oportunidade da realização de um "Encontrão" * em Goiânia.

Ilda inicia a sua narrativa, conclamando o Ministério de Música * a cantar: "Só não somos nada". Ela canta junto com eles a primeira parte e, depois, eles abaixam o tom e ela começa a se expressar:

*"Eu sou uma serva do Senhor. ... Germano * orou para mim e eu acolhi essa oração; na intercessão, oraram para mim e eu acolhi essa oração ... agora vamos todos ficar ungidos pelo Espírito Santo ... nós queremos partilhar o espírito. Vem Espírito, vem em nome de Jesus. Sozinhos não somos nada ... sozinha não posso mais. Senhor Jesus eu quero amar, quero ser amada. Sozinha eu não posso mais. Obrigada Espírito Santo" *.*

Depois disso, Ilda começa a contar a sua história. Em tom moderado, ela diz que tem trinta e sete anos de casada, quatro filhos e oito

* Encontrão já explicitado no capítulo 1.

* Ministério de Música é o nome dado ao grupo composto pelos instrumentistas e os cantores de músicas de louvor a Deus, a Jesus, a Maria.

* Germano é um pregador de renome nos meios pentecostais. (nome fictício).

* Ilda falava cada vez mais alto e com mais sofrimento.

netos. Um dia, Deus começou a semear para ela e sua família. Colocou neles a sede da sabedoria e o dom da palavra. Antes ela tinha feito todo tipo de cursos. De noivos, de batismo -, "*mas ainda um vazío dentro de mim...*"-. Ela continua a conversar com os fiéis assistentes, dizendo-lhes que Jesus está presente

naquele encontro. Que Deus está derramando Jesus sobre eles. Que ela se maravilha com a sua liturgia. Que os cristãos são pessoas renovadas - *"... se aceitarmos o que Deus quer nos mostrar, esse encontro não será apenas mais um..."* -. Após proclamar, por uma meia hora, as maravilhas de Jesus, Ilda se expressa com mais veemência e seu entusiasmo chega aos gritos, dizendo do amor de Deus para com ela e para com os ouvintes... *"queremos deixar o Espírito Santo soprar incandescente sobre o nosso batismo"*. O lema da RCC é proclamar Jesus como único Senhor. Ilda faz uma pausa, retoma um tom de voz um pouco mais baixo e conta o episódio que motivou a ela e ao marido à procura da RCC. Foi quando sua casa pegou fogo e ela reconhece essa estratégia como ação de Deus para trazê-la até Ele, até a RCC, até o Espírito Santo. Isso há vinte e dois anos. Ela comenta, agora já começando a se empolgar novamente, erguendo a voz gradativamente: *"... quando temos medo da cruz, Deus nos chama e nos dá a cruz..."*. A palestrante passa a contar mais uma parte da sua história que transcreve-se aqui.

"... Em 1984, estávamos num Encontro no Rio Vermelho ... lá estava também o meu filho de 21 anos. Ele apaixonou-se por Jesus e Maria com 13 anos. Veio ao Encontro com mais quatro jovens. Uma menina que estava com ele disse que, quando ele recebeu a Eucaristia, ficou de bruços no Estádio e gritou bem alto: - Que maravilha !... eu queria ficar assim a vida toda. - Quando eles voltavam, para a cidade onde nós morávamos, ele falou que queria morrer naquele dia, cheio de Jesus. Outros dois falaram que também queriam ... morreram os três, ele e os outros dois, que tiveram experiência profunda com Deus. Eu fui

depois. Quando cheguei em casa, vi muita gente na porta e, quando entrei, o tio dele estava com o telefone no ouvido ... nessa hora Deus me contou o que tinha acontecido ... eu disse a Nossa Senhora: - mãe, eu não posso falar com ele agora, mas a Senhora pode. - Quando Jesus dá a cruz, ele carrega o lado mais pesado...".

Nesse momento, Ilda pede ao Ministério de Música que cante ... ela canta junto com eles. Cada vez mais forte. Sua voz vai mudando de tonalidade, ficando mais aguda, até esparecer em gritos de louvor a Jesus. Por fim, ela conclama todos os assistentes a louvar com mais entusiasmo e termina gritando e chorando muito forte: - "*... os céus ainda não ouviram os nossos aplausos ... não é um homem, é Jesus...*" -. Diz isso num grito alto, com voz entrecortada de emoção e choro. Nesse momento, a música toma conta do "espetáculo" e ela é ajudada por outras três ou quatro pessoas a se retirar do recinto.

Para fazer a releitura desse depoimento, enfoca-se apenas os pontos mais significativos para o entendimento da motivação para a troca. Vê-se, primeiramente, a importância da fé como fator indispensável ao encontro com Deus, Jesus e o Espírito Santo - a Santíssima Trindade -. À medida que é capaz de ter fé, Ilda não é mais só e fica ungida. Todos ficam ungidos, porque a fé atrai o Espírito Santo. Esse estado de santidade não é definitivo. Faz-se uma luta constante para mantê-lo. Um descuido na fé e o estado de solidão volta. Há necessidade de fortalecê-la assiduamente.

A motivação da adesão e da permanência deve ser mantida. O encontro com Deus é o desejo por excelência. Nesse outro aspecto, o episódio do fogo na residência da depoente e o fato de Deus usar esse meio para atraí-la, tem um significado de dubiedade entre o sofrimento e a felicidade.

Outro ponto importante vivenciado nesse culto é a identificação que a pessoa demonstra com os símbolos sagrados - Santíssima Trindade -. "Para o Carismático, ser cristão é viver em relacionamento íntimo com a Santíssima Trindade..."³⁴. É a partir da identificação da expositora com Deus, Jesus, Espírito Santo e também com Maria que toda a platéia é conclamada a se identificar. São experienciadas situações de escolha ética. As pessoas, então, fazem suas opções pelo sagrado - o bem -, em detrimento do profano - o mal.

Há entretanto, um elemento final da pregação, que traduz tudo o que é importante compreender. Na verdade, esse momento contém os outros todos citados. Ele se caracteriza pela sensação de vazio, de perda, do desamparo, quando Ilda "perde o filho para Deus", segundo a sua concepção. É também aí que mostra sua identificação com Deus e Nossa Senhora, quando os compreende³⁵. A sua representação de pessoa amparada e acolhida por Deus revela a necessidade de valoração da auto-imagem - a escolhida - como a mãe do filho, que é íntimo com Ele.

A impressão do vazio, do desamparo, da solidão, da fragilidade humana é retratada de forma contundente nessa passagem. Esse

estado interior se expressa como uma forte razão, talvez a mais forte para o desejo do encontro com Deus, já citado, como motivação para a troca.

34. Ismek, 1987: 55 apud Reginaldo Prandi. "Um Sopro do Espírito", São Paulo: Fafesp, 1997.

35. Sigmund Freud. Op. Cit. Vol. XVIII. p. 136.

No depoimento de Ilda, essa oscilação entre a fragilidade e o poder aparece várias vezes. No início da sua pregação, isso já é evidenciado. Num dado momento, ela canta calorosamente "só não somos nada" e, no instante seguinte, diz, com voz forte, ser uma serva do Senhor e faz relação disso com a sua capacidade de acolher as orações feitas para ela, nos grupos de oração e no de intercessão. Em outra passagem, a pregadora em questão, faz uma súplica:

"... vem espírito ... Senhor Jesus, eu quero amar, quero ser amada, sozinha não posso mais ... - aqui ela parou alguns minutos, olhos e mãos voltados para cima e, como se voltasse de um transe, falou alto e rouco: Obrigada Espírito Santo!"

Traduz-se esse apelo de Ilda ao Espírito Santo como uma expressão da sua fragilidade e, concomitante com essa situação, a impressão do poder, quando ela representa o fato de ter sido atendida, expressando isso com palavras e com o corpo, revelando uma experiência psicossomática, isto é, uma vivência corporal e mental ³⁶. A fala de Ilda ilustra, empiricamente, o arcabouço teórico que subsidia o trabalho de compreensão da subjetividade do sujeito. A pregadora mostra a essência conflitante do sujeito em situações nítidas de fragilidade e desamparo - como a morte do filho

-, e de poder e força na solidariedade que recebe de Deus e do grupo religioso. Demonstra que há uma força que é sua, imanente, quando reforça a própria capacidade de acolher Deus. Ilda representa, nesse momento, a sintomática do sujeito “desejante”, de Freud, no seu conflito de vida e morte (Freud, 1910) e do

36. Cf. Dicionário de Psicologia. Op. Cit. p. 366.

indivíduo dicotômico, de Durkheim, na sua fragilidade e reativação. Essa reativação parte da força individual e encontra a sua expressão máxima na ação emocional coletiva, força que se integra no homem e promove o crescimento e elevação de si. (Durkheim, 1912).

O desejo de proteção ao seu desamparo é o motivo desencadeante de mudança do grupo religioso. Ilda fala de problemas, como a sua casa queimada, o filho morto, mas nunca chama isso de sofrimento. Na verdade, é dele que ela está falando. Sofrimento que vem das perdas que deixam a sensação do vazio e da fragilidade. Junto com a nostalgia, ela carrega em si o desejo de poder lidar com essa tortura. "O encontro com Deus é o caminho".

Por seu lado, a RCC oferece estímulos poderosos aos fiéis. Ela faz uma diagnose da sua doença que engloba o tratamento, o prognóstico e a expectativa de cura. Tende a explicar tudo, mas exige uma adesão total, e depois dela a visão de mundo deve ser revista e reformulada, segundo a ética particular da RCC. Esse sistema dá oportunidade às pessoas de tratar os seus males pela possibilidade de vivenciar ritos com grande envolvimento emocional.\

O homem moderno, na sua tentativa de ultrapassar barreiras e dificuldades, se esquia de sua condição de homem na modernidade e se volta para o simbólico religioso. Freud descreve esse sujeito na sua análise do mal-estar na civilização e o define como o homem do mundo desencantado, do desamparo inerente. Nessa condição de desencantamento, o homem, segundo a percepção de Freud, naquele momento, seria levado ao distanciamento de Deus ³⁷.

A volta do homem ao simbólico da religião, provavelmente, esteja ligada à sua necessidade de se reencantar, encontrando um Deus que o apoia, já que não se sente apoiado pela ciência ³⁸. Essa necessidade de reencantar pode ser também uma das causas determinantes, talvez a maior delas, do surgimento dos pentecostais e neopentecostais no mundo. A RCC pretende renovar os sujeitos através de práticas religiosas não tradicionalistas. Instituído-se como "um apêndice" da Igreja Católica, a RCC propõe às pessoas a renovação com o Batismo do Espírito Santo. Propicia o contato íntimo com a Santíssima Trindade e a possibilidade de ser agraciado com os milagres, pela graça divina, de forma freqüente. São posições diferentes da doutrina católica, mas que não invalidam a essência básica do catolicismo.

Birman refere-se a essa situação alegando que o homem, ao perder a confiança no espírito científico, busca religiões que estão se baseando em novas visões de mundo ³⁹. São essas novas formas de perceber o mundo que abrem caminhos para a salvação e a cura na contraface do desamparo.

Os que aderem à RCC são as pessoas que conseguem redefinir suas identidades religiosas, buscando a sua própria reconstrução. Reconstrução que se fundamenta em decisões identificatórias ligadas às experiências afetivas da história de vida de cada um. O sujeito da adesão muda o seu rumo, ao se identificar com novos símbolos religiosos e romper

37. Cf. Sigmund Freud. "O Mal-Estar na Civilização". Obras Completas, V. XXI, 1974. p. 100-145.

38. Ver Comblin (1996). Ele argumenta que as ciências sustentam o vazio quanto ao conhecimento do mundo, por isso não apoiam o sujeito. José Comblin. "Cristãos rumo ao séc. XXI". São Paulo: Paulus, 1996.

39. Cf. Joel Birman. "Um futuro para a Psicanálise", São Paulo: Ed. 34, 1977. p. 175-176.

com os seus conceitos antigos. O impulso maior para a troca de grupo religioso é a impressão do vazio, do desamparo, da fragilidade, em conflito com a necessidade de força, de poder, de onipotência. Esse quadro se fecha com o desejo incontrolável do sujeito de conseguir proteção. Se a ciência falha no amparo a esse sujeito e não lhe dá o apoio de que ele precisa, Deus pode fazer isso. Deus que pode tudo e que é capaz de amá-lo. O resultado desejado é a pessoa lidando com sua parcialidade, constituindo-se uma, com capacidade para conseguir o equilíbrio entre o desamparo e o poder. Aspiração subjetiva por excelência do ser.

Reafirma-se, então, que, entre as várias causas que motivam a adesão, a primordial é a que se baseia na constituição dialética do sujeito e, sobretudo, no seu conflito "desejante" de reinvenção de si mesmo, para o encontro da sua própria capacidade de ser feliz. Felicidade que ele conquista pagando a sua penitência por meio da identificação com os símbolos religiosos vigentes e com a partilha do seu desamparo no seu novo grupo.

Identificação que se transforma em fé. Fé que permite a reconstrução de si, através de um novo sentido de mundo. Mundo cheio de solidariedade e esperança, em que o amor é possível, e a expectativa da cura pode se fazer realidade.

3 – MUDANÇA NO ETHOS E NO SENTIDO DE MUNDO

“Porque existem sentimentos que não são acessíveis à vontade, mas que, como o próprio destino, existem ou não existem”.

*Simmel **

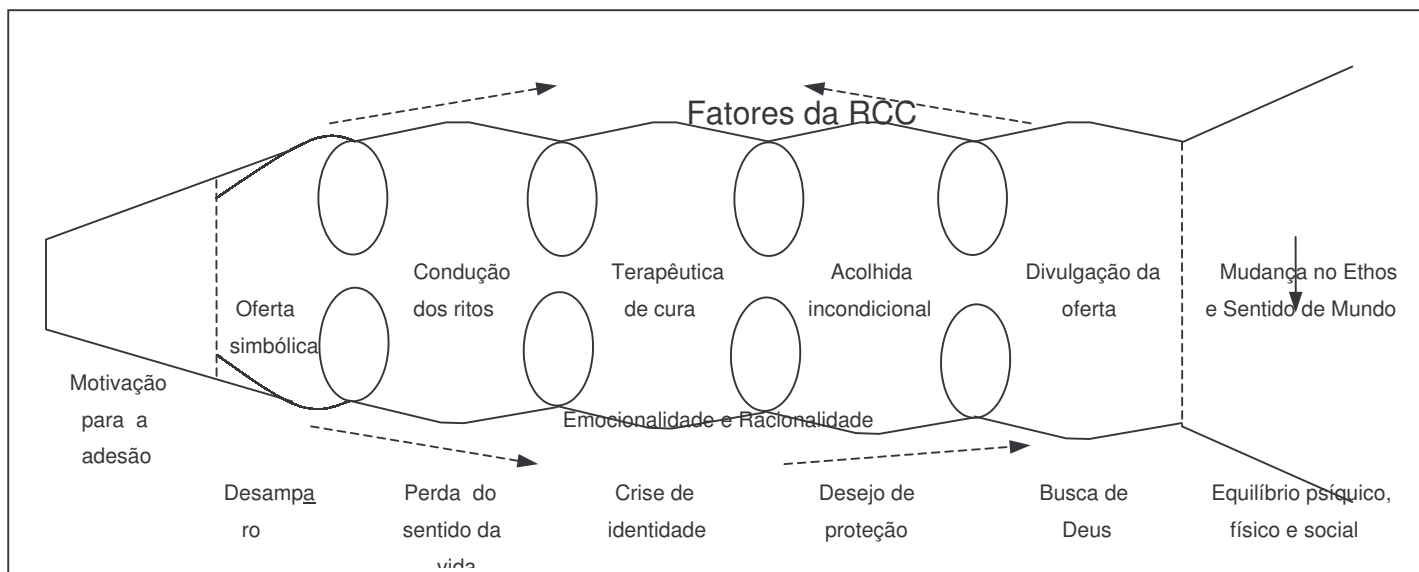
Até aqui enfatiza-se que a motivação para a adesão ao movimento carismático católico se alicerça, sobretudo, na experiência de cura. Experiência do ser na sua integração mente e corpo, por isso, cura das doenças emocionais e orgânicas.

A motivação é um processo que se fundamenta no impulso gerador do desejo, com suas formas extrínsecas –determinadas por motivos externos e intrínsecas– que se ligam aos determinantes interiores do sujeito. Woodworth concebe o impulso motivador como “uma dotação geral da energia”¹.

Os motivos externos que estimulam as pessoas a fazer a sua escolha do movimento carismático católico são as ofertas que esse movimento coloca à disposição dos adeptos. Os motivos internos se constituem das necessidades, dos desejos das expectativas dos indivíduos, quanto à cura dos seus males. Descreve-se em gráfico essa ação motivadora:

* Citado por Clara Mafra, na tese de doutorado: “Na posse da Palavra”. UFRJ. 1999.

1. Robert Woodworth. (1918). In:” Vocabulário de Psicologia”. Op. cit. p. 239.



Esse gráfico demonstra um processo e seus passos na dinâmica que as pessoas vivenciam com o fito de decidir sobre a sua adesão para a RCC. Embora os fatores da RCC e os do sujeito, muitas vezes, se interliguem e interdependam, são separados para efeito de estudo.

No que tange à RCC, os fatores motivacionais se iniciam com a oferta simbólica e percorre um caminho para satisfazer os anseios das pessoas. Esta caminhada sustenta a preferência de determinados adeptos e se inicia com o simbolismo.

A oferta simbólica consiste nos Dons do Espírito Santo – naturais e carismáticos –². Os carismas, no conceito simbólico-bíblico, são dons com que o Espírito Santo gratifica as pessoas para serem usados em missão de edificação da Igreja, em nome do corpo de Cristo³. São vários os dons: “da profecia, da cura, de línguas, do discernimento, da interpretação e da Ciência”⁴.

2. Cf. Reginaldo Prandi. “Um Sopro do Espírito”. Op. cit. p. 45 s.

3. Id. Ibid.

4. Higuete, (1984). Citado por Prandi. Op. cit. p. 45.

Os dons mais conhecidos e esperados pelos fiéis são os que se referem à cura e ao falar em línguas.

Os ritos são conduzidos através dos chamados “Grupos de Oração”, cujo momento supremo é o recebimento do dom de falar em línguas. No ritual do Batismo no Espírito Santo, os fiéis, após muita oração, se colocam “à disposição de Deus para que o Espírito possa atuar nele”⁵.

A experiência nos rituais se faz também em eventos de grande número de pessoas, localizados em lugares amplos e abertos, como em Estádios de Futebol. São os Cenáculos. Neles participam todo o elenco das dioceses, adeptos e visitantes. A instituição RCC oferece ainda os rituais de cura, que tem o nome oficial de Reuniões de Cura, também chamado de Intercessão. Nesse culto, os atores fazem orações uns para os outros, com imposição das mãos. É uma troca de solidariedade. O movimento carismático católico tem uma terapêutica que atua diretamente na suspensão dos sintomas e promove um sentido novo para a vida, que ultrapassa as suas próprias limitações⁶. Ainda de grande poder motivador é a acolhida às pessoas que procuram a RCC. Há uma atitude ampla que idealiza aceitação incondicional pela RCC, mesmo que, gradativamente, a imposição das normas e a exigência, sobretudo da fé, estabeleçam condicionalidade.

A divulgação da sua oferta é realizada através de instrumentos de comunicação espontâneos e discretos, se relacionados com os usados pelo pentecostalismo evangélico. Usam-se os depoimentos de milagres recebidos,

5. Id. Ibid.

6. Cf. Paulo Ferreira Bonfatti. Tese de Mestrado. “Xô Satanás”. Universidade Federal de Juiz de Fora. 1998. p. 103.

nos Grupos de Oração, nos Cenáculos, nos ambientes de trabalho, nos grupos de amigos e no seio das próprias famílias. A mídia é usada com sutileza, com avisos de cursos e convites para os Cenáculos.

Além dos elementos motivacionais oferecidos pela RCC, há os que são da essência do sujeito. Dizem respeito à possibilidade de se reidentificar e reconstruir um novo sentido para as suas vidas, determinam a amplitude dos motivos em que os adeptos demonstram se apoiar para fazer a adesão aos Carismáticos católicos. Essa necessidade se liga a um quadro interior caótico, em que o estado de desamparo acarreta a sensação do vazio e da solidão. Todos esses conteúdos interiores resultam no sintoma depressivo. Ao se sentir sem rumo, numa situação de caos interior, isto é, em nível de sensação confusa e difusa quanto ao seu sentido de mundo, o indivíduo busca a proteção de Deus. É o estar íntimo de Deus, protetor, poderoso, acolhedor e justo que possibilita a mudança no Ethos e o Sentido de Mundo. Para Geertz, Ethos é o conjunto de valores que norteiam o indivíduo, o seu modo de lidar com sua subjacência e, conseqüentemente, de reagir à vida. De outra forma, a Visão de Mundo se compõe dos seus conceitos da realidade das coisas, como da natureza, “de si mesmo e da sociedade”⁷.

Para o adepto desesperado e sem encanto, a sua intimidade com Deus, sua reidentificação, sua reconstrução ética e estética produzem o seu equilíbrio psico-social e físico e fazem surgir o Homem Novo.

Esse caminho, que demonstra ser processual da motivação para a

7. Cf. Clifford Geertz. Op. cit. p. 143-144.

adesão, traz, como elemento de entrada, um estado de desequilíbrio ocasionado pelos fatores descritos na figura dois, e como resultado o equilíbrio psico-físico e social advindo da mudança no Ethos e no Sentido de Mundo, ou seja, do produto final do processo impulsionador da adesão.

3.1 – A OFERTA CARISMÁTICA

Ao analisar o conteúdo submerso dos discursos dos adeptos, constatou-se uma tendência dos entrevistados de manter oculto o seu estado emocional crítico na época da sua tomada de decisão para a adesão. Entretanto, no decorrer da narração da sua história de vida, todos eles fazem referência a crises com morte de entes próximos, crises econômicas, sofrimentos exacerbados por causa de erros, remorsos, conflitos com as famílias primária e secundária^{*}. Todo tipo de problemas de ordem espiritual e emocional. A análise do que não foi dito diretamente é um momento crucial para o entrevistador. Parece traição ao autor da história. Mas é assim que o pesquisador se afasta da influência do ator com sua história e seus bloqueios, para uma análise profunda⁸. Quando os autores autobiográficos contam

sobre sua vida, preocupam-se pouco com o que possa ser descoberto através da análise. Ao estudar as autobiografias, constatou-se que os autores

* Família primária, de nascimento. Secundária, família adquirida com o casamento.

8. Cf. Clifford Geertz. Op. cit. p. 152 s.

selecionaram o conteúdo que os apresentassem com as suas auto-imagens preferidas, sem mencionar passagens muito importantes para a compreensão das suas histórias⁹.

Com base nesses argumentos, acredita-se ser o adepto do movimento carismático católico alguém que está em busca de remédio para curar os seus males, principalmente em momentos críticos, quando domine uma desestrutura interna. Mas se existe alguém que está buscando ajuda para os seus sofrimentos, existem, também, desde a história primitiva do homem, ofertas diversas da sociedade que funcionam como “agências de alívio da dor”. * Quer se trate de doenças físicas ou emocionais, as pessoas podem escolher entre uma gama imensa de instituições que pretendem * ser agências de cura. Elas podem fazer opção para a medicina que é reconhecida oficialmente. Podem, outrossim, optar para as formas místicas e religiosas, como as magias e exorcismos – xamanismo –, o espiritismo, a umbanda, o pentecostalismo. Segundo Bourdieu, o campo religioso é muito variado na oferta de práticas que “promovem a cura”¹⁰.

As agências oficiais de cura correspondem, na sociedade moderna, à medicina orgânica e especializada para grupos de

doenças ou sistemas corporais e à saúde mental para as doenças e problemas mentais e emocionais – Psiquiatria e Psicologia.

Além desses meios de tratamento citados, surgem práticas

9. Ver esse assunto mais detalhadamente em Howard S. Becker, em seu livro “Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais”, p. 101-102.

* Grifos meus.

* Usa-se a expressão “pretendem”, não com o intuito discriminativo, mas com o significado de relativismo e para as instituições tanto oficiais, como as oficiosas.

10. Cf. Pierre Bourdieu. “A Economia das Trocas Simbólicas”. São Paulo, 1998. p. 34 s.

denominadas de Nova Era. Leila Amaral concebe esse termo Nova Era, ligado à definição de cura, como “transformação total” que propicia ao ser a possibilidade de crescimento harmônico e consciente, percebendo-se o corpo, a mente e o espírito como dimensões que se articulam e se intercomplementam. O apelo de cura é dirigido ao pensar simbólico que “atraia” mudanças em nível do sujeito como um todo e nos aspectos específicos do desenvolvimento humano ¹¹. Vale lembrar ainda da literatura de auto-ajuda, que traz acoplada a si, palestrantes. Esses livros pretendem ajudar as pessoas a adquirir uma auto-estima positiva e, para isso, incentivam a mudança na forma de lidar com os problemas, no uso do pensamento positivo. A motivação para a luta, o aumento do amor próprio, o respeito a si mesmo e o gosto pela vida são amplamente divulgados. Baseiam-se na premissa de que o homem é o responsável por tudo o que lhe acontece. “Vá em frente. Descubra-se, construa a sua própria vida. Dê o melhor de si na jornada para o sucesso, a felicidade. Use a sua criatividade e deixe fluir o homem novo” ¹².

Esses movimentos definidos como Nova Era e como Auto-Ajuda oferecem bens simbólicos e proliferam com abundância extraordinária. Contam com um número crescente e vertiginoso de adeptos. Toda essa dinâmica se encosta, ainda que subliminarmente, na cura de doenças, na resolução de problemáticas emocionais internalizadas^{*}, com o fito primordial de gerar felicidade.

11. Cf. Leila Amaral. Religião e Sociedade. Publicações do ISER, 17. p. 54-74.

12. Neila Abranches. "Aumente sua auto-estima e transforme sua vida". São Paulo: Paulinas. 1997.

** "Problemáticas emocionais internalizadas", o mesmo que vivências passadas, que causaram sofrimento. A sensação da dor é guardada no inconsciente, reprimida.*

Diante de tantas ofertas, científicas ou não, muitas pessoas estão se voltando para a religião, principalmente para o neopentecostalismo. Dessa forma é o neopentecostalismo que responde pelas preferências atuais das pessoas.

Pensadores clássicos como Weber e Durkheim já discutiam, paradoxalmente, sobre o reascender da religião. Machado expõe a visão de Weber de que o homem moderno carece de sentido. A ciência não consegue alcançar a tamanha necessidade do homem, de compreensão sobre a vida e a morte¹³. Durkheim já descreveu a modernidade envolta na ausência do sentido moral e da solidariedade¹⁴. Outrossim, em tempos atuais, a força do sagrado reapareceu para fazer frente a anomia social.

Depois dessa discussão, que envolve vários outros autores: Berger (1985), Velho (1991), Gomes (1994), Oro (1996), etc. e que tentam explicar o reencantamento da sociedade com os símbolos sagrados como uma resposta crítica às religiões institucionais e à repressão que elas desenvolveram às práticas religiosas emocionais, percebe-se que o movimento renovador carismático, assim como o neopentecostalismo, surgiram do impulso estimulador de recuperação da experiência religiosa cristã ¹⁵.

Voltando a questão de interesse principal para essa parte do trabalho, que se denominou anteriormente de representação da cura, pode-se ter coragem para ler a terapêutica carismática, com base nos subsídios psicológicos. Trata-se de relação polêmica. A intenção não é ferir a ética da

13. Cf. Maria das Dores Machado. “Carismáticos e Pentecostais: Adesão Religiosa, na Esfera Familiar”. Campinas, S.P.: Autores Associados / Anpocs, 1996. p. 19-20.

14. Cf. Machado. Op. cit.

15. Cf. Alberto Antoniazzi. “Nem anjos nem demônios”. Petrópolis: Vozes. 1994. p. 22.

psicologia e da psicanálise, mas compreender os pontos que sustentam uma certa eficácia dos instrumentos usados com vistas à “cura”, física e emocional, pela RCC. Reporte-se ao depoimento de uma adepta do movimento, como ilustração empírica para a análise que se propõe empreender sobre essa oferta maior dos Carismáticos.

3.1.1 – DEUS ME DEU LIVRAMENTO

Nara, ao narrar a sua história de vida, foi encorajada a falar sobre a sua dimensão familiar primária, familiar secundária e dimensão religiosa.

Sua narrativa começa com a sua infância e é entrecortada quanto à temporalidade e à natureza de suas experiências, num vai e vem constante. Morava em um sítio no interior de Goiás, quando o pai faleceu de câncer. Ela tinha oito anos. A mãe ficou pobre. Foram morar com o avô materno. Era maltratada pelos tios que lhe negavam comida e a molestavam sexualmente. Quando fez dezoito anos, ela narra:

“Eu criei coragem e vim para Goiânia, fiz Economia. Entrei na RCC em 1996. Antes sempre participei de grupos evangélicos. Sempre tive vontade de crescer mais do que com as práticas que a Católica tradicional faz. Faço parte de vários grupos na renovação. O principal é o da solidariedade cristã. Só fé, sem obra nada vale. Fiz um círculo de amizade. A melhor coisa do mundo é viver em comunidade. Uns ajudam os outros”.

“Há dois anos tive um câncer de mama. Teria que fazer um pré-operatório ... para diagnóstico. Na véspera a Norma rezou para mim ... no dia da operação o Dr. não achou mais o nódulo. Ele suspendeu a cirurgia ... foi milagre de Deus, foi milagre de Deus”.

Nara disse tudo isso com o mesmo tom de voz. Não demonstrou emoção em sua fala. Ela acrescenta que na mamografia, realizada no mês anterior ao da data marcada para a cirurgia, o laudo indica um nódulo na mama direita. Trinta dias depois, na Estereotaxia *, o nódulo não foi encontrado. Ela repetiu: *“aconteceu um milagre na minha vida!”*. – Nara

acrescentou: *“O médico disse que os Carismáticos são fanáticos. Disse que isso pode acontecer”*.

Nesse ponto, a entrevistada muda o tom de voz para uma expressão calorosa, um pouco mais alta e relata: *“... quando a coordenadora rezou para mim, eu tive uma convulsão epiléptica. Meu corpo suava frio e tremia e se debatia com força e eu desapareci ... assim como se desmaiasse”*.

Parou alguns segundos e voltou a falar, sem interrupção, como se recitasse algo de cor e que não quisesse fazer.

“Eu confiava que Deus ia cuidar da minha vida. Não desespero porque tenho muita fé. Deus me deu livramento. Deus me deu outro livramento. Fui na mata lá na nossa chácara e esbarrei numa cobra enrolada, pronta para dar o bote. Deus tirou ela do meu rumo...”

Ela volta a falar da sua infância, espontaneamente, sem pausa no seu discurso, mas também sem agitação:

* Método micro-cirúrgico para coleta de material com o fim de proceder a biópsia.

“Eu perdi o pai com oito anos. Meus tios viviam querendo abusar sexualmente de mim. Eu fugia. Sofria muito porque não podia contar para ninguém. Também o peão do meu tio queria abusar de mim sexualmente. Eu estudava em colégio público antes da adolescência ... tio perturbado corria atrás do meu irmão, com uma faca. A adolescência foi o melhor tempo da minha vida, eu namorava, com muita pureza”.

Nara continua o seu discurso falando da sua vida conjugal, das grosserias do marido que, segundo ela, sempre bebeu e é grosseiro "com palavras". Em dado momento, Nara diz: *"não sou feliz. Não estou dando conta mais de perdoar ... é muita mágoa, decepção ... sempre brigando ... extremamente irritado e eu fico ruim do estômago"*. Nara fala isso, sem emoção na voz, e ainda acrescenta: *"Deus que sabe ... eu que escolhi!"*.

Nesse ponto percebeu-se a necessidade de orientar a entrevistada, objetivando a eficácia da análise posterior. Pediu-se que contasse a sua história religiosa. Nara iniciou contando que sua mãe era catequista e que ela fez o catecismo com sete ou oito anos. Nessa época, Nara ajudava no orfanato de crianças. Fez a sua primeira comunhão com onze anos. Nos seus cadernos, em cada folha, ela escrevia em cima, Jesus, e embaixo Deus. Diz que o grupo da RCC a sustenta nas horas boas e más. Nesse momento, Nara muda abruptamente de assunto e começa a contar um sonho:

"Sonhei com Jesus ... disse para ele que a minha coluna doía muito e ele disse: – meu coração está partido – . Ele era sem rosto ... parecia um rosto indefinido. Eu nem olhei para o rosto dele".

Depois disso ela voltou para a sua história religiosa, como se não tivesse havido nenhum parêntese (o sonho). Falou que ia sempre à missa e comungava diariamente. Estava muito insatisfeita com a religião e achou muito bom quando conheceu a prática dos evangélicos. Ela queria mais a prática.

Fez-se nova intervenção, pontuando aspectos revelantes, ao que a entrevistada respondeu:

"descobri os Carismáticos através de uma amiga; sempre fui católica, mas é a união ... a religião me salva; encontrei apoio psicológico e humano, comunhão de fé, confiança. Me acho poderosa. Tenho solidão porque o marido não tem diálogo. Sempre tive tendência à solidão ... por isso invoquei com as amigadas."

O que Nara mais gosta nesse novo grupo religioso é o suporte, a ajuda para resolver problemas. Ao ser indagada sobre quais problemas, disse que os financeiros ainda não, só os afetivos. Nara acrescenta ainda, repetindo, que perdeu o pai com oito anos e que sofre da doença de pânico, por isso não dirige. Falou de sua compulsividade para comprar, deve muito. Voltou ao pai – "ele faz falta demais". Aí corre para Jesus e encontra apoio e respeito. Por fim, ela reafirma o lado fraterno e solidário da RCC.

A história de Nara, como tantas outras, em que é referendada a "doença e a cura", permite uma percepção de reações psicofísicas acontecendo no decorrer do culto.

Há, em todos os adeptos, a tentativa de reconstrução de si mesmos e, conseqüentemente de suas vidas. Se acontece a reconstrução das pessoas, há uma questão que precisa ser identificada e compreendida. A de que a motivação para a adesão, na forma subjetiva que vem sendo trabalhada aqui, se liga à psicologia do ser, e é, por isso, imprevisível. Mas, o que sugere a realidade empírica vista e cooparticipada nas

estratégias da RCC e nas entrevistas dos seus fiéis é que os mesmos contam com os sustentáculos para reelaborar os conceitos formados das suas experiências vitais, sofridas, principalmente. Ora, se isso é de cunho psíquico, esse fenômeno neopentecostal deve estar ligado, também, aos "elementos psicológicos de seus rituais, de suas concepções religiosas e na sua oferta de sentido psicológico que ela possibilita aos seus membros" ¹⁶.

Parece que há certas similaridades entre os fatores que subsidiam algumas técnicas psicoterápicas com os métodos de "cura" empregados pela RCC.

O caso "Nara" é exemplo de que as orações de cura na RCC são vivenciadas pelos fiéis com o objetivo de encontrar alternativas de atitudes diante da problemática da existência ¹⁷.

Essas atitudes permitem às pessoas, viver de forma mais "satisfatória e produtiva" ¹⁸, ou, pelo menos, numa relação suportável com os seus sofrimentos. A terapêutica ¹⁹ oferecida pelo movimento carismático mantém, na sua amplitude de oferta de cura, a possibilidade de equilíbrio psico-físico e social, que resulte em felicidade, ainda que uma felicidade parcial.

16. Paulo Bonfatti. Op. cit. p. 104.

17. Linda Davidoff. "Introdução à Psicologia". São Paulo: Mc Graw – Hill. 1983. p. 629.

18. Id. Ibid.

19. O termo "terapêutica" é usado para a representação de cura da RCC, diferenciando, portanto, das psicoterapias oficialmente psicológicas.

Há portanto um enfoque, com certa semelhança, da expectativa de cura das técnicas psicoterápicas oficiais e a terapêutica da RCC.

As práticas religiosas para a cura dos males, tanto físicos como mentais, constituem situações estabelecidas em que o uso da expressão oral é o instrumento principal. Tanto o pregador fala com o Espírito Santo pedindo poder para curar determinada pessoa, como o fiel a ser ajudado fala da sua doença. Os cânticos de louvor e de pedidos de graça também são expressão oral. Enfim, o diálogo terapêutico se estabelece.

O uso do corpo é outro elemento essencial nos rituais. As mãos elevadas para o alto quando se dirigem ao Espírito Santo e a "imposição das mãos", ao orar para o outro, são atitudes corporais sempre presentes. Na Missa de Cura, várias vezes as pessoas são convidadas a tocar o outro com as mãos, ou abraçar. Mas a expressão maior do corpo é na procissão do Santíssimo Sacramento em que "os presentes vibram, cantam, deliram"²⁰. As emoções desse momento são expressas pelo corpo que treme, se convulsa, os braços se agitam. O corpo se entrega ao êxtase parecido com o dos rituais religiosos primitivos, ressalvadas as devidas proporções, que Durkheim descreve²¹.

Nara, na sua entrevista, demonstra que conversou com a pregadora sobre o câncer de mama. A pregadora, por sua vez, orou para ela com a imposição das mãos. Isso foi realizado na véspera da cirurgia para colher material que seria submetido à biópsia e que não foi realizada porque o nódulo desaparecera. Ao contar isso, Nara diz que, durante a oração de cura, seu

20. Prandi. Op. cit. p. 68.

21. Èmile Durkheim. "Formas Elementares da Vida Religiosa". São Paulo. Martins Fontes. 1996. Passim.

corpo fez uma "convulsão". Suava frio, tremia e era como se ela desaparecesse, "assim como se desmaiasse".

A cura concentra o interesse maior da Renovação Carismática. Resolve todos os problemas. Os milagres sempre podem acontecer, dependendo da fé dos assistentes. Cada fiel é ouvido, ou pelos pregadores ou pelo sagrado. Eles são aceitos sem preconceitos, sem julgamentos. O clima psicológico criado é acolhedor e tolerante. É demonstrada muita atenção aos seus problemas.

Na fala de Nara, a sensação de acolhida é revelada quando, no seu relato, ela expõe as razões da sua escolha, citando os grupos a que ela pertence. A principal razão é a da solidariedade. Diz que a *"melhor coisa do mundo é viver em comunidade. Uns ajudam os outros"*. Acredito que Nara estivesse dizendo que se sente protegida, atendida e alvo de interesse da pregadora do seu grupo e dos outros componentes do mesmo.

A RCC assume atitudes solidárias com relação aos candidatos à adesão. Em todas as atividades religiosas existe a predisposição para ajudar. Ela responde, talvez sem conhecimento da teoria existente, ao que Carkhuff chama de "as quatro tarefas básicas do relacionamento de ajuda: *atender, responder, iniciar, orientar*" ²². A par disso, demonstra aceitação incondicional de quantos a procuram. Lembra Karl Rogers, criador da Psicoterapia Centrada no Cliente, que propõe, como um dos pontos básicos, a necessidade de aceitar a pessoa com o seu "quadro interno de referências" ²³. Essa metodologia dos Carismáticos Católicos se torna mais aguçada quando se trata das reuniões de

22. Robert Carkhuff. "O Relacionamento de Ajuda". Belo Horizonte: Cedep. 1976. p. 11.

23. "Dicionário Técnico de Psicologia". Op. cit. p. 320.

cura. Já foi traduzida, pela narrativa de Nara, a sensação de ser aceita e protegida.

Todo esse processo de ajuda conduz os adeptos à sensação de *alívio*, de *proteção* e de *amparo*, que repercute na supressão dos sintomas, ou "supressão de crises" que é como os Carismáticos preferem chamar os resultados alcançados pelos seus adeptos ²⁴.

A entrevistada Nara, quando conta sobre a sua doença física, sua "tensão", sua "síndrome de pânico", a sua "exposição ao perigo", (no caso da cobra), seu "sentimento de solidão", se configura amparada, protegida e aliviada. Refere isso à pregadora e aos grupos de trabalho religioso a que pertence. Apresenta-se empática no carisma deles, principalmente da pregadora. Mais do que tudo, Nara se diz cuidada por Deus. Ela sempre confiou que ele cuidaria da vida dela e, por isso, pela fé, recebeu o milagre. "*Deus me deu livramento*" é a forma de Nara chamar o seu milagre.

Os símbolos sagrados são um conjunto de aspectos cosmológicos, ontológicos e com características estéticas e éticas, que conseguem se apresentar com uma "suposta capacidade de identificar o fato com o valor no seu nível mais fundamental..." ²⁵.

Dessa forma, uma reordenação coerente dos elementos constitutivos dos males é o que acontece, comumente, nos rituais de cura. Com Nara, isso aconteceu com relação à síndrome de pânico. Os seus medos mórbidos não desapareceram por completo, mas ela reorganizou-

os de modo a compreender simbolicamente o seu sofrimento, isto é, a
dominar os medos,

24. Cf. Reginaldo Prandi. Op. cit. p. 131.

25. Clifford Geertz. Op. cit. p. 144.

ainda que parcialmente.

É ainda em Geertz que se busca apoio para realizar os estudos das histórias de vida, na sua concepção de que a religião é um recurso do homem na organização do seu caos. Organização que provê o homem de suporte para lidar com a perplexidade que, por vezes, acomete a natureza. A religião, na sua amplitude racional, "explica o inexplicável", principalmente no momento em que todos os recursos da ciência se esgotaram.

Os símbolos religiosos não só oferecem a possibilidade de compreensão do mundo, como esclarecem caracteres do sentimento e das emoções, na tentativa de torná-los suportáveis ao homem. É o mesmo que aprender a sofrer. Não só a dor física, mas a dor da perda, dos fracassos e da incapacidade para evitar tudo isso é codificada. Isso transforma o sofrimento em tolerável. Quando a dor humana é vista, segundo o depoimento de Ilda – citado no segundo capítulo –, como a dor que vem da vontade de Deus, o que se faz é a tentativa de entender as ocorrências dolorosas para aceitá-las.

Os estudos da antropologia cultural, demonstram que a simbologia religiosa é capaz de ordenar o mundo e de promover a visão deste mundo. Os símbolos sagrados "sintonizam" uma metafísica especial e

um "modus-vivendi" próprio, apoiando-se mutuamente. Geertz vê os símbolos religiosos como o sistema que dá significado, ou seja, "... uma forma conceptual objetiva a realidade social e psicológica, modelando-se em conformidade a ela e ao mesmo tempo, modelando-a a eles mesmos" ²⁶. Dessa forma eles são, ao mesmo tempo determinantes do real e determinados por ele. Em assim sendo,

26. Geertz. Op. cit. p. 108.

os sujeitos que se consideram curados, porque se regeneraram de vícios ou de promiscuidades sexuais, econômicas, etc, o que conseguiram, realmente, foi dar um rumo equilibrado à sua vida. Puderam fazer uma reformulação nos seus valores morais e éticos, de modo que os mesmos fossem aceitos pela sociedade e pela religião. Dito de outra forma, isso é tomar conta da sua vida, orientar a sua qualidade e determinações morais e estéticas, de um lado, e de outro, a sua visão de mundo.

3.2 – O SUCESSO DESEJADO E O SUCESSO CONSEGUIDO

O trabalho que a RCC se propõe a fazer como agente de cura constitui num trabalho desenvolvido através de rituais, como já foi falado. Esse processo de cura se faz não através de técnicas científicas, como já foi dito no início desse capítulo, mas por agentes religiosos, ou seja, os padres e os leigos-pregadores. Essas pessoas, para desenvolverem as atividades de cura, são preparadas e passam a ter essa função. Trata-se do

estabelecimento de intimidade com os símbolos sagrados – Deus, Jesus e Espírito Santo. Essa ligação íntima com o sagrado se reverte em força para empreender a cura, que será tanto mais eficaz quanto maior for a ligação do agente curador com os mitos religiosos.

"Aquele que tiver de saber precisa primeiro acreditar" ²⁷, expressão de Geertz que ele considera como um axioma básico para a probabilidade

27. Geertz. Op. cit. p. 144.

religiosa. Esse modo de definir a vida vai além do cotidiano real. É a definição pela fé, não pela ciência. Fé que é o suporte essencial para o processo de cura, através dos ritos.

Os três aspectos principais, que Lévi-Strauss percebe para a eficácia da magia, estão presentes nos cultos da RCC e são considerados fatores básicos para o sucesso dos mesmos ²⁸, ou seja: a) O padre ou o pregador que acredita no poder do Espírito Santo que é quem promove a cura. O padre é o mediador. b) O ajudado que acredita no padre ou pregador, no que tange ao carisma recebido por ele e, conseqüentemente, crê no sucesso do culto que ele dirige. c) E os presentes que são os testemunhos do poder de Deus e do Espírito Santo se expressando na fé do pregador e do doente. Isso é o diálogo terapêutico em expressão.

Então a fé é mesmo a condição básica para a existência da prática religiosa e logicamente, das orações de cura.

A entrevistada Maria de Fátima, já citada no primeiro capítulo, expressa sua fé: "*Deus aflora dentro de mim... vou sentindo Deus*

*cada vez mais forte, como uma voz revelando dentro... independe de você... Deus é quem decide... a minha mente e o meu corpo ficam com a sensação de revelação..."**

Em outro momento, ela relata:

*"...a graça maior que recebi, além de ficar ungida com o Espírito Santo *, foi a cura do meu marido. Da sua dor na face.*

28. Lévi-Strauss, C. "Antropologia Estrutural". Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1975. p. 194. O autor usa a expressão crença como sinônimo de fé.

* Maria de Fátima é pregadora e tem o Dom da Cura.

* Maria de Fátima está se referindo agora aos Ritos de Passagem, quando fez a sua adesão.

Foi no mesmo dia que recebi o Espírito Santo. Na hora da oração de cura eu pedi para Jesus curar o meu marido. Ele operou com um Neurologista, mas foi Deus quem curou. Eu tenho certeza ... eu tenho certeza ... eu tenho certeza como tenho a certeza de você estar aqui na minha frente..."

Essa narrativa ilustra uma situação subjetiva, onde o mito é revivido com uma carga de emoção avassaladora. Num ritual, essa força se extravaza e aí se associam o mitológico e o real. Essa associação leva o fiel a vivenciar a sua verdade, através do rito. A doença passa a ser entendida, pensada e a cura advém da capacidade que adquire o doente, em questão, de "pensar os seus males e reorganizá-los"²⁹. Fica entendido, assim, que a eficiência da terapêutica realizada pelos Carismáticos se liga também à dimensão psicológica do ser.

Na psicoterapia psicanalítica, o paciente que obtém sucesso no procedimento adquire a capacidade de reformular a sua história e de organizar o seu conteúdo que antes não era entendido. Adquire uma percepção consciente. Os seus males e disfunções tomam um significado e

deixam de ser fantasmáticos³⁰. A psicanálise considera o mito importante para a compreensão das funções psíquicas. Ele faz parte das mentes primitivas e das civilizadas. Freud vê o mito como uma espécie de sonho da coletividade. Como tal, ele tem um significado que é subjacente à consciência. Quando esse mito é expressado, ele pode ser objeto de interpretação. O que ele expressa, de forma figurativa, são desejos censurados pelo consciente e por isso incompatíveis com ele – o consciente –. Esses desejos vêm das relações

29. Cf. Lévi-Strauss. Op. cit. p. 228.

30. Fantasmático em psicanálise, significa produções imaginárias ligadas às experiências primitivas de vida. Vocabulário de Psicanálise. Op. cit. p. 228.

primitivas do sujeito³¹. Também Eliade acredita que o mito tem a sua origem no inconsciente do homem. A sua existência remonta ao tempo primordial, isto é, ao desejo do primeiro homem de conhecer a si mesmo. É o mito do eterno retorno³². Por seu lado, Freud, ao reconhecer que o mito traduz a história da pessoa, descobre com isso a importância do mito para se chegar ao significado do que é expresso e a compreender a gênese dos sintomas. É fato que ele mascara os conteúdos da história narrada, mesmo assim a psicanálise interpreta esses conteúdos latentes, usando a analogia.

Ao tornar conhecidos os seus estudos sobre a mitologia, Freud abre caminho para que a psicologia comece a se interessar pela importância do mito na sua prática.

Vários profissionais da psicologia clínica já lançam mão da mitologia no seu trabalho, isto é, fazem uso das reproduções míticas da humanidade, entendendo-as como identificações da consciência primeva do

homem, até mesmo percebendo-as como o poder que a linguagem exerce sobre o pensamento.

É sabido, ainda, que o processo que tem como perspectiva a realização da cura, na RCC, trabalha com elementos reais e fantásticos, princípios que sustentam a técnica psicanalítica.

As pessoas com problemas emocionais resistem ao tratamento institucional por entenderem que, mesmo com a problemática existente, eles não correm risco de vida. Entretanto, ao decidirem pela troca de sistema religioso, percebem que os Carismáticos defendem a integração intrínseca

31. Cf. Freud, Op. cit. V. XII. p. 193 s.

32. Cf. Mircea Eliade. "Mito do Eterno Retorno. São Paulo: Mercuryo. 1992. p. 32.

entre corpo e espírito – uma abordagem psicossomática da saúde –, segundo Mariz. "O desequilíbrio emocional produz desarranjo na omeostase orgânica e nas atitudes éticas dos seus fiéis"³³. Assim, as pessoas que rejeitam as psicoterapias convencionais tomam a decisão de se tratar com os métodos de cura que a Renovação Carismática oferece.

3.3 - A EXPERIÊNCIA DE CURA

A simbologia sagrada do movimento Carismático que se condensa na Santíssima Trindade, é cultuada através de rituais, ricos em situações criadas para que os seus participantes se sintam aliviados,

protegidos, amparados. São vivenciados em clima emocional exacerbado que envolve cada participante individualmente e o grupo como um todo. É no ritual que os valores do grupo são evidenciados exteriormente. É nele também que se expressa o comportamento formal no que concerne a crenças mitológicas. Os ritos Carismáticos, uma vez que são religiosos, se relacionam com símbolos sobrenaturais. Os ritos mais importantes da RCC são os rituais de cura e os de passagem ³⁴. Esses ritos lembram a efervescência de força que Durkheim descreve como a base de expressão dos mesmos.

Antropologicamente, os ritos entendidos dentro de parâmetros seqüenciais podem demonstrar a sua eficácia, como no exemplo da cura. Observando-se todos os momentos do ritual de cura, desde o preparatório até

33. Cf. Cecília Mariz. Comunicações do ISER 45. p. 24-34.

34. Cf. Victor Turner. "The forest of symbols". London: Cornell University Press. 1973.

o seu ponto de culminância, tem-se uma idéia clara do que acontece e de que o que se chama de "ritual de cura" é um processo composto de elementos que se interligam e se completam, com seus significados individuais e coletivos.

Van Gennep descreve propriedades variadas dos ritos. São características psicológicas, de força, de acolhida, de caráter positivo ou negativo e de forma direta ou indireta ³⁵. É o rito que simboliza a passagem de um campo religioso para outro.

No intuito de dar sustentação à percepção religiosa, faz-se nos rituais uma fusão do mundo real com o imaginado, mediante a união dos símbolos que sustentam a base mitológica ³⁶. O sistema simbólico religioso

expressa o universo psicológico e social, no sentido de que ele se determina segundo a sua exigência e, ao mesmo tempo, influencia esse universo ³⁷. Assim é compreensivo que os ritos que cultuam os símbolos religiosos sejam parte de um sistema de reorientação dos adeptos. Isso nos seus atos e no sentido de dar um significado para os seus caracteres individuais e para as suas necessidades de bem-estar emocional e físico.

Assim, fica explícita uma dedução ordenada:

A razão maior da mobilização das pessoas para ingressar no sistema religioso é, segundo vários autores ³⁸, a expectativa da cura, principalmente dos processos subjetivos.

Em assim sendo, a dinâmica do processo funcional do campo religioso obedece ao fato de as pessoas buscarem alívio para os seus

35. Cf. Arnold Van Gennep. "Os Ritos de Passagem". Petrópolis: Vozes, 1978.

36. Geertz. Op. cit. p. 129.

37. Id. p. 108.

38. Montero (1985); Corten (1996); Oro (1996), para citar alguns.

sofrimentos.

A opção a determinado campo religioso é baseada na definição que a pessoa faz da sua problemática ou mesmo na idéia que faz das causas dos seus males.

A terapêutica pentecostal e neopentecostal, e conseqüentemente, a dos Carismáticos, consiste num sistema integrado de práticas religiosas que se sustenta no conhecimento que o sujeito tem de si mesmo e do mundo.

A adesão ao sistema religioso de cura leva o sujeito a adotar, na sua dimensão espiritual, os valores morais do sistema ao qual adere. Isso facilita a passagem do quadro doente ao sadio.

Essas deduções reforçam a idéia que o que é tratado, em nível de subjetividade, é o conteúdo inconsciente. Da mesma forma que, através da análise dos sonhos, pode-se perceber o conteúdo inconsciente, nos rituais de cura, o significado oculto se manifesta. Se as práticas terapêuticas da religião deixam antever os significados dos males e a conseqüente compreensão deles, usando o simbolismo religioso, em outro contexto, a técnica psicanalítica atribui um sentido ao sintoma. Tanto um como outro método conta com a força transformadora do sujeito. Poelman fala sobre essa força como a capacidade para a mudança que ele concebe ser "... o fluxo contínuo de percepção, sentimentos e pensamentos... uma força que se revela na vida dos seres, um "elan vital" que é responsável pela evolução criadora contínua da vida" ³⁹.

A probabilidade que tem as agências populares para empreenderem curas está diretamente ligada ao quanto de credibilidade os sujeitos depositam

39. Johanes Poelman. "O homem a caminho de si mesmo". São Paulo: Paulinas. 1993. p. 13.

em seus significados. No grupo entrevistado – da RCC –, as pessoas tendem a encontrar a cura, tanto na sua forma simbólica, quanto objetiva. Quando essa cura não se dá, elas demonstram cultivar a esperança de consegui-la. Nem sempre a cura se refere a doenças diagnosticadas, mas aos sentimentos de solidão e abandono. Estes podem ser resolvidos quando os sujeitos se sentem

acolhidos e podem partilhar com os outros as motivações e metas comuns. Nesse sentido, ao participar de um código ético proposto pelo campo religioso escolhido, a pessoa se percebe adaptada.

O homem que consegue se identificar com a ética proposta pelo campo religioso preferido por ele é aceito pelo grupo. As expressões de solidariedade que ele percebe em relação a si o fazem sentir-se estimado. É dominado por "uma impressão de reconforto da qual muitas vezes não se dá conta, mas que o sustenta" ⁴⁰. A RCC oferece isso aos seus adeptos e vai mais além. Promove a possibilidade de cura e, com ela, o propósito do bem-estar individual e na coletividade e ainda culmina com a proposta da integração total com Deus. Esse é o milagre por excelência, é também o ideal do ego que a Psicanálise categoriza como o modelo idealizado que o homem aspira alcançar para si ⁴¹.

Nesse estado de acolhimento, de reconforto, de aceitação, do bem estar e do sentir-se forte pela intimidade com Deus, quando a fé impulsiona o ato milagroso, situa-se a eficácia da oferta da RCC.

40. Durkheim. Op. cit. p. 216.

41. Cf. "Vocabulário de Psicanálise". Op. cit. p. 289.

3.4 - BATISMO NO ESPÍRITO SANTO: O RITO QUE MARCA

Os entrevistados, quando fazem alusão às razões da sua adesão ao movimento carismático, enfatizam um momento

determinante desse processo. Isso acontece sempre durante uma experiência religiosa e, na maioria das vezes, em rituais de cura. No caso de Ilda, ela diz que no "Encontrão" o filho dela sentiu o contato íntimo com Deus ao receber a Eucaristia e debruçando-se no chão, gritou: "*... que maravilha!... eu queria ficar assim a vida toda...*". Traduz-se essa experiência do filho de Ilda, como "o aqui e agora" da transição de um compartimento religioso para outro e que Van Gennep denomina de "Ritual de Passagem" ⁴². Para ele, num sistema social compartimentalizado, os rituais demarcam os limites de cada divisão. Dessa forma, ao circular de um grupo social para outro, o sujeito demarca o território escolhido e o diferencia do campo rejeitado. O autor vê o ritual como um fenômeno inerente à vida social que, em seu desenvolvimento, tem por tarefa unir as cerimônias onde os atores sociais fazem a passagem de situações estabelecidas para as novas ⁴³.

Após empreender a tarefa do estudo de casos nos depoimentos dos entrevistados, pode-se dizer que o ponto culminante do ritual de passagem ao grupo religioso da Renovação Carismática é o Batismo com o Espírito Santo, segundo a visão dos adeptos. Prandi observa: "ser batizado no Espírito Santo é rito, marca e graça" ⁴⁴. Esse ritual consiste numa oração que o grupo reunido faz, pedindo a Jesus que coloque o seu espírito glorificado dentro de um fiel

42. Cf. Gennep. Op cit. p. 30

43. Cf. Gennep. Op. cit. p. 31.

44. Reginaldo Prandi. Op. cit. p. 37.

determinado, para quem se faz a oração. Isso se faz com a imposição das mãos. É Jesus que batiza e a "inundação" dos dons do Espírito Santo sobre as pessoas só se dá se estas tiverem fé. Quanto maior a fé, maior abundância do Espírito Santo pode ser deslocada para o fiel em questão. Depende, pois, da interação do sujeito com a sua fé. Quando isso acontece, causa grande satisfação do fiel consigo mesmo, uma vez que é recebido como um reforço pela sua capacidade de investir grande quantidade de energia para se chegar ao Batismo com o Espírito Santo. Com o exercício da fé é possível experimentar a intimidade com Jesus, que leva a impressão de infinitude. Esta conduz ao êxtase e a sensação de comunhão com os outros fiéis participantes. Nesse estado interior o fiel passa a ter "... mais confiança, coragem, ousadia na ação ... crê sentir o olhar do seu Deus voltado com benevolência para ele" ⁴⁵. Ele se sente cheio de força, "... força moral que, embora nos sendo imanente, representa em nós algo mais que nós..." ⁴⁶.

Cléa conta a sua experiência da seguinte forma:

"Assim que me casei, queria ter um filho, mas descobri que o meu marido e eu tínhamos problema... fui pra todo lado, pra tudo que não presta. Não encontrei acolhida, nem ajuda, nem Deus... Deus não está nesses lugares!... Aí, um dia, fui convidada para vir aqui. Estava muito sem esperança e desconfiada. Estava me sentindo sem ninguém no mundo. Ninguém para cuidar de mim. Toda abandonada. Um zero, um nada. Nem prá ter filho servia. Só depois de vários meses que eu freqüentava o grupo de Nora é que tive fé bastante para receber o Espírito Santo. Foi num grupo de oração. Eu pedi muito a Jesus que me ajudasse, que me olhasse e ele me viu. Por um tempo, que não sei quanto, foi como se eu tivesse fugido do meu corpo. Eu não o sentia... só um calor em mim inteira e de

45. Émile Durkheim. Op. cit. p. 217.

46. Id. Ibid.

repente fui voltando, com uma alegria, vontade de cantar e gritar. Mas não gritei, fui saindo, fui embora para casa, meio sem saber. Lá é que deitei no chão e rolei de um lado para outro, chorei, gritei Jesus, Jesus e depois fiquei quieta, toda molhada de suor, até a roupa... nessa mesma noite tive o sonho que me revelou que o Espírito Santo estava dentro de mim. Sonhei com Nossa Senhora. Ela falou para eu ter paciência. Me entregou um filho nas minhas mãos”.

Cléa fez uma pausa maior para dizer depois, bem alto e com voz trêmula: *“Eu tenho certeza que não foi sonho... foi um milagre!”*. Ela termina dizendo que uma semana depois estava com o filho dentro dela. Nesse momento chega o seu marido trazendo o filho, segundo ela, com dois anos. Ele é apresentado aos presentes. *

Essa narrativa ilustra as categorias subsidiárias desse trabalho, bem como os elementos que integram as categorias. O estudo de caso referente à experiência de Cléa leva a fazer relações conclusivas:

a. A motivação para a adesão de Cléa à RCC se inicia com o fato de estar vivenciando momento de crise. A par de um problema relacionado à dificuldade de engravidar, ela se diz só, desesperançada, desconfiada, com a sensação de não ser. Na verdade, Cléa vivia um momento de caos interior, um quadro típico de uma situação em que a pessoa está emocionalmente dominada pela impressão de desamparo e pela necessidade de potência – o conflito dialético do ser, segundo Freud –. O predomínio da subjetividade como causa da adesão fica explícito.

b. A atora mostra que precisou passar por um processo de

* *Cléa faz esse depoimento no Grupo de Oração e narra-o, novamente, à oportunidade da sua entrevista com a pesquisadora.*

identificação com a oferta e o sistema simbólico do grupo religioso a que se filiou, quando narra “... só depois de vários meses ... é que tive fé bastante para receber o Espírito Santo...”. A fé aqui descrita é composta da introjeção dos valores da RCC. Ao se identificar, Cléa faz a sua reinvenção. Assume um sentido de mundo em acordo com as normas do sistema religioso escolhido por ela, sai da liminaridade.

c. Ela, logo após, evidencia o processo vivido “ao receber o Espírito Santo”, o rito de passagem propriamente dito. Fala da sua fé e do transe: “... pedi muito a Jesus... que me olhasse e ele me viu”. Cléa continua: “... como se eu tivesse fugido do meu corpo...”. Quando ela diz: “...de repente fui voltando, com uma alegria, vontade de cantar e gritar...”, está falando de um estado de efervescência que Durkheim ⁴⁷ qualifica como força criadora e Freud ⁴⁸ caracteriza como a fantasia de onipotência.

d. Ao contar o sonho e conceber o milagre, Cléa refere a cura. Cura ligada ao encontro com Deus que faz seu intermediário Jesus, com seu espírito glorificado. – A Santíssima Trindade –. Também aqui percebe-se a simbologia carismática como alvo de identificação e de sua própria reconstrução. Ao mostrar o filho aos presentes, Cléa faz a representação de si como uma pessoa gozando de equilíbrio, solidária com o grupo que a acolheu, forte e decidida a permanecer nesse estado e contando com o apoio de Deus e dos elementos místicos e humanos que compõem esse sistema religioso, – a RCC –.

Em todas as histórias de vida, ficou evidente a importância que os

47. Durkheim. Op. cit. Passim.

48. Freud. "O Mal-Estar na Civilização". Obras Completas. V. XXI. Rio de Janeiro: Imago. 1969. Passim.

adeptos dão à transformação de si mesmos. Essa mudança é tanto mais efetiva quanto mais o fiel se integrar aos valores éticos e espirituais do sistema religioso. O sujeito que consegue esse mergulho total ao novo grupo se percebe livre da influência dos impuros do grupo anterior. Ao crer, de forma irrestrita, que encontrou o verdadeiro sentido da vida e da morte, sente-se livre do sofrimento, das perturbações mundanas. Se vê forte, capaz de ajudar outrem e sem perigo de que sua fé seja abalada. Está pleno da força de Deus e só ela cura o vazio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Colher histórias de vida e proceder ao estudo de cada caso em particular, para compreender a realidade coletiva, foi a tarefa que se propôs nesse trabalho. As realidades investigadas o foram na discussão analógica da sociologia, antropologia e psicologia. Discussão analógica, porque baseada nos pontos de intersecção dessas três ciências. A motivação para a adesão é o apogeu do trabalho que se fez vivência social e psíquica nas descobertas surpreendentes e diversificadas. Essas descobertas levaram a conclusões que, por sua própria natureza, exigem um repúdio ao absolutismo teórico e à rigidez metodológica. É a partir da percepção multipolar das realidades pesquisadas e dos recortes observados que se inicia essa reflexão final do texto. Final, mas não acabada. Reflexão que não se fecha, abre caminho para estudos futuros.

Muitos são os fatores que determinam os motivos das pessoas para a adesão à Renovação Carismática. Alguns são preponderantes. Não por acaso. O estudo biográfico elucida os motivos pessoais, racionais e emocionais das pessoas. Também o momento atual, por que passa a sociedade, influencia o desejo de mudança. A renovação carismática, inserida que é no neopentecostalismo, é mais um movimento de

contestação às religiões historicamente fechadas às angústias do homem da modernidade. Marca-se como instituição oposicionista ao católico tradicionalista. Identifica-se, portanto, com o momento sóciopolítico do Brasil, que provoca no povo a necessidade de se opor às normas vigentes. Nesse caso, o povo faz o deslocamento ¹ da insatisfação com os poderes – Igreja e Estado -, para os poderes simbólico-tradicionais. Essa insatisfação deslocada suscita a busca de algo que alivie a frustração da expectativa de proteção da sociedade. Quando se sentem acolhidas, as pessoas tomam a decisão para a troca e então se inicia a dinâmica processual da adesão.

O estudo foi baseado em recursos teóricos sociológicos, antropológicos e psicológicos, com o fim de compreender a relação entre a subjetividade humana, sua influência na aquisição de nova postura ética e o impulso motivador para aderir a um novo movimento religioso, ou seja, a motivação para a adesão à Renovação Carismática Católica. Ao longo do estudo, deparou-se com surpresas na amplitude de influências da adesão, no que tange à identificação do sujeito, à reconstrução de si, à sua cura interior e física e sobretudo à sua condição dialética. Condição dialética porque se constitui desamparado e megalômano, no dizer freudiano ²; fragilizado e detentor da potência criadora, na percepção durkheimiana ³.

Com esse projeto de construção em mente, a matéria prima armazenada e com as ferramentas à disposição, partiu-se para o alcance de um ideal: compreender a dinâmica da caminhada dos fiéis para a busca da intimidade com Deus, na perspectiva da cura dos seus males.

7. Deslocamento é um conceito freudiano que consiste na transferência da "energia psíquica, de uma representação para outra". Definição encontrada em Laplanche e Pontalis. "Vocabulário de Psicanálise". Santos. SP: Martins Fontes. p. 163.
8. Sigmund Freud. "Mal-Estar na Civilização". Op. cit p. 905.
9. Èmile Durkheim. "As Formas Elementares da Vida Religiosa". Op. cit. p. 200-202.

Essa jornada, revestida de emoções contraditórias e descobertas surpreendentes, resultou no encontro de respostas que, de tanta densidade, suscitam questionamentos para investigação futura.

Ao querer demonstrar que a motivação para a adesão à RCC está intrínsecamente relacionada ao estado de desamparo original, deparou-se com a existência de um verdadeiro processo de reconstrução de si, que se inicia com os motivos mesmos para o trânsito religioso. Esses motivos se alicerçam nos questionamentos essenciais dos indivíduos e na expectativa de encontrar alívio para a angústia, que eles descrevem como sensação de vazio, de não ser, de estar no fundo do poço.

Revelou-se aqui um movimento processual impulsionado pelo desejo de cura dos males que afligem os indivíduos. Para alcançar a cura, eles redefinem as suas identidades religiosas e, em conseqüência, renovam a percepção de si mesmos, metamorfoseando-se continuamente. Então, se dá mudança de identidade e, se a identidade se baseia nas identificações, se as identificações são recorrentes às situações infantis e se estas estão introjetadas no inconsciente, o sujeito do inconsciente é atingido ⁴. Ao fazer o corte na sua religiosidade, as pessoas adquirem nova postura ética, uma vez que acontece uma verdadeira mudança de rumo na vida. Fazem a redefinição de sentidos, do mundo e de si mesmos. Ao reconstruir-se para se adaptar ao grupo religioso escolhido, os entrevistados referem sentir-se estimados pela

atitude solidária do grupo. Estima que reconforta e reforça uma auto-imagem renovada, com representações positivas. Mas todo esse caminho de auto-

10. Cf. Sigmund Freud, "Psicologia de Grupo e Análise do Ego". Obras Completas. V. XVIII. p. 100 s.

reinvenção tem um marco no ritual que propicia a passagem para o sistema religioso em questão. O rito, segundo o qual o adepto é batizado no Espírito Santo, define a sua identidade religiosa perante todo o grupo e o faz sentir-se forte, desde que invista grande energia nessa experiência. A partir desse momento, o adepto está pronto para receber o milagre desejado, a cura.

A Renovação Carismática Católica é o agente de implementação desse projeto, que se constitui no caminho da redescoberta de si. Ela promove a possibilidade da cura. Cura que se faz no milagre da integração total com Deus. Entende-se a Renovação Carismática Católica como um projeto inacabado, buscando atender a dicotomia do sujeito e atingindo, ainda que sem saber, o homem na sua parcialidade, no seu conflito constitucional entre o estado de fragilidade e a necessidade de poder, como quer Freud, ou na percepção durkheimiana, em que o conflito do homem se apresenta no enfraquecimento do indivíduo quando depara com o seu sofrimento e, por isso, busca a expressão da força criadora, sobretudo na experiência com o grupo, vivida nos rituais religiosos. A RCC, como um projeto que se constrói cotidianamente, oferecendo respostas emocionais, quase que imediatas, tem muito a crescer. Diante das dificuldades que enfrenta, quer na sua relação com as questões centrais da Igreja Católica, de orientação oficial e tradicionalista, quer nas diferenças culturais que precisam ser equacionadas, consegue estabelecer experiências rituais, de expressão religiosa satisfatória, que

resultam em terapêutica sustentada na visão que os adeptos possuem de si mesmos e do mundo. Esse contexto traz no seu bojo um sistema de reorientação para o itinerário dos fiéis, sedentos de acolhimento, atenção e escuta.

Como foi expresso anteriormente, as pessoas entrevistadas demonstraram, nas suas histórias de vida, ter recebido educação religiosa, por isso, conservam sensibilidade ao misticismo. O ato de adesão, portanto, se vincula ao desejo dos fiéis de resgatar um estado interior que reproduz a relação com as suas raízes. Ao oferecer a possibilidade de eliminação do vazio, de preenchimento da falta e a de dissipar a impressão do desamparo, a RCC responde ao desejo maior dos sujeitos. Com suas características de emocionalidade e racionalidade, ela consegue transmitir aos indivíduos a capacidade de explicar acontecimentos, antes sem explicação. Assim, os sentimentos podem ser nomeados. Isso equivale a codificar sensações e descobrir emoções encobertas. Quando, de diversas maneiras, o espírito pode falar, a expressão dos conteúdos subjetivos pode ocorrer, e de forma consciente ou não. Se o material inconsciente pode fazer a incursão no ego consciente⁵, faz-se a prontidão para que a pessoa exerça controle racional dos seus impulsos anti-sociais.

Em conseqüência desse processo interior, que resulta em mudanças de interpretação e que os adeptos fazem, segundo a “re-visão” no significado de suas experiências emocionais, acontece a reformulação nos conceitos sociais. É como uma “re-socialização” do sujeito da adesão. Diante disso, o adepto faz várias reformulações na forma como se define e que se refletem na

11. Incurção do material inconsciente no ego consciente é um conceito de Anna Freud, para explicar o processo pelo qual o conteúdo reprimido no inconsciente passa a ser percebido. Esse conceito foi pesquisado em "O ego e os mecanismos de defesa, de Anna Freud".

sua auto-imagem. Esta passa a ser definida a partir da identidade religiosa que se torna positiva. Positivismo que se espalha para as outras identidades e papéis que ele – o adepto – desempenha na vida familiar, profissional, política e demais.

Esse estado mental positivo estimula uma concepção de si com significados de bom, do belo. Há o aumento da auto-estima. Ao invés de menos valia, a sensação de ser o bastante. Por fim, a impressão mesma da própria potência, tão desejada e então revelada por Deus, através do espírito de Jesus glorificado. Com essa sensação de estar forte, a pessoa sente que pode dominar seus impulsos. Modifica o seu comportamento social, renunciando à satisfação dos seus desejos que eles chamam de "coisas do mundo". Não mais o lazer vivenciado anteriormente. Em lugar dele, os compromissos com a Igreja. Também controla as atitudes anti-sociais. Dessa forma, consegue conviver bem com as pessoas e sente que é melhor.

Essa experiência, que a RCC oferece aos fiéis, resulta no fortalecimento do ego, já que a auto-imagem vai se tornando, gradativamente, cada vez mais positiva. O ego forte promove o equilíbrio emocional. Não se trata de conceber esse estado forte e equilibrado, como definitivo e completo. Contudo, reafirma-se que, no processo de adesão, ocorrem mudanças tanto internas ou de auto-percepção de si e externas – o próprio comportamento social –. Acredita-se, outrossim, que as mudanças

internas realizadas pelas pessoas que aderem à RCC não provocam mudanças profundas na personalidade. As modificações verificadas na investigação dos adeptos podem ser comparadas aos resultados positivos de psicoterapias institucionais que trabalham aspectos específicos, tais como remoção de sintomas, reordenação das funções adaptativas à situações familiares - profissionais ou sociais -, adequação a situações de crises agudas. Embora essas mudanças sejam menos profundas que as que ocorrem nas psicoterapias psicanalíticas, elas são benéficas, desde que proporcionem harmonia na estrutura contraditória dos sujeitos.

Entretanto, há similaridades em alguns aspectos da terapêutica desenvolvida pela RCC e os da psicoterapia psicanalítica, como foi descrito no terceiro capítulo, mas diferem no que tange à interpretação das causas inconscientes das emoções que objetivam, para o paciente, alcançar a compreensão da sua dialética e a capacidade de aceitar o seu desamparo como a sua diferença constitucional e como essência mesma da subjetividade. Quando o analisando concebe essa realidade de destino que sustenta a sua dor, pode perdoar os objetos da projeção de sua raiva – pais – e responsabilizar-se pelo seu crescimento. Se esse processo se faz, é de forma duradoura. Não é preciso mais continuar na sua dinâmica ambivalente de criar situações de desamparo para se redimir do sentimento de culpa. Culpa que se formou quando, ao se sentir desamparado, atacou os seus objetos de amor, projetando neles o seu ódio. Ao perdoar, o sujeito só tem uma saída: haver-se com o seu desamparo, com a sua fragilidade, com a sua condição humana.

Na terapêutica Carismática, a análise das histórias de vida indica que os indivíduos mudam sua visão de mundo, sua auto-imagem, sua maneira de se comportar na sociedade. Adquirem alívio parcial do sofrimento. Sentem-se acolhidos e com certo poder, mas suas características essenciais continuam as mesmas. Continuam a ser dependentes, se já eram antes, também a ser intolerantes do jeito que sempre foram. Não há mudança na sua estrutura psíquica.

Ao fim, sugere-se que a RCC motiva a adesão, principalmente porque, com a sua oferta, mobiliza a dimensão psíquica das pessoas. De seu lado, o adepto é alguém que deseja ser protegido por causa da sua história individual, e porque a sociedade não sustenta situações adequadas para uma sobrevivência social satisfatória. A falência da sociedade, na sua função solidária e de agregação, transmite aos sujeitos a sensação de desamparados sociais. Essa é a intersecção entre o individual e o social. Se os acontecimentos sociais atingem os indivíduos, estes revidam, expressando contestação. Em outras palavras, o universo social ressoa no interior de cada sujeito e este, em contrapartida, se faz ressonante no contexto social.

Nessa modernidade, que já espelha a pós-modernidade, o homem, para quem a ciência falha e a sociedade não o satisfaz, se aninha na acolhida dos movimentos religiosos emocionais e, no caso desse estudo, na Renovação Carismática Católica. Assim, as ciências que estudam o homem só podem somar se puderem se unir para uma leitura interdisciplinar das necessidades do ser. Tentou-se fazer um pouco disso. Fez-se juntar-se a Sociologia, a Psicologia e Antropologia dentro da premissa de

conhecer o homem, as fraquezas do homem, as potências do homem, para ajudar o homem na sua caminhada, considerando a sua posição no tempo, no espaço, sua subjetividade, sua capacidade de se reinventar e reconstruir-se.

BIBLIOGRAFIA

ABRANCHES, Neila. Aumente sua Auto Estima e Transforme sua Vida. São Paulo: Paulinas, 1997.

ALVES, Rubem. O Suspiro dos Oprimidos. São Paulo: Paulinas, 1984.

AMARAL, Leila. Educação e Sociedade. Publicações do ISER, 17. 1996.

ANTONIAZZI, Alberto. A Igreja Católica face à expansão do pentecostalismo (Pra começo de conversa). In Nem Anjos nem Demônios. Petrópolis: Vozes, 1994.

ARAÚJO, Luiz B. L. Religião e Modernidade em Habermas. São Paulo: Loyola, 1996.

ARON, Raymond. As Etapas do Pensamento Sociológico. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ARZENO, Maria Esther Garcia. Psicodiagnóstico Clínico. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

BENJAMIN, Alfred. A Entrevista de Ajuda. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

BECKER, Howard. Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais. Petrópolis: Vozes, 1991.

BERGER, Peter. O Dossel Sagrado. São Paulo: Paulinas, 1985.

BERGER, Peter & LUCKMAN, Thomas. A Construção Social da Realidade. Petrópolis: Vozes, 1991.

BIRMAN, Joel. Um Futuro para a Psicanálise? Revista Brasileira de Psicanálise, 27 (4): 705-738. 1993.

BITTENCOURT, José F. Remédio Amargo. In Nem Anjos nem Demônios. Petrópolis: Vozes, 1994.

BONFATTI, Paulo Ferreira. Xô Satanás: Uma análise psico-antropológica da Igreja Universal do Reino de Deus. Dissertação de Mestrado em Ciência da Religião, UFJF, 1998.

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOUDON, R. e F. Bourricaud. Dicionário Crítico de Sociologia. São Paulo: Ática, 1993.

BOURDIEU, Pierre. A Economia das Trocas Simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1998.

BRASIL, Márcia Auxiadora. S. Psicologia II. São Paulo: Impress, SD.

CABRAL, Álvaro e NICK, Eva. Dicionário Técnico de Psicologia. São Paulo: Cultrix, SD.

CARKUFF, Robert R. O Relacionamento de Ajuda. Belo Horizonte: Cedepe, 1978.

CÉSAR, Waldo. Mircéa Eliade: sagrado e profano – religiões e existência humana. In: A Religião numa Sociedade em Transformação. Petrópolis: Vozes, 1997.

CIAMPA, Antônio C. Psicologia Social – o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CONBLIN, José. Cristãos Rumo ao Séc. XXI. São Paulo: Paulus, 1996.

CORTEN, André. In ORO, Ari Pedro. Avanço Pentecostal e Reação Católica. Petrópolis: Vozes, 1996.

DA MATTA, Roberto. In Van Gennep, Arnold, Os Ritos de Passagem. Petrópolis: Vozes, 1978.

DURKHEIM, Émile. As Formas Elementares da Vida Religiosa. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DAVIDOFF, Linda. Introdução à Psicologia. São Paulo: Mc Graw-Hill, 1983.

ELIADE, Mircea. Mito do Eterno Retorno. São Paulo: Mercúryo, 1992.

FERNANDES, Rubem César. Governo das Almas. As denominações evangélicas no grande Rio. In Nem Anjos nem Demônios. Petrópolis: Vozes, 1994.

FILHO, José Bittencourt. Remédio Amargo. In Nem Anjos nem Demônios. Petrópolis: Vozes, 1994.

FRESTON, Paul. Breve História do Pentecostalismo Brasileiro. In Nem Anjos nem Demônios. Petrópolis: Vozes, 1994.

FREUD, S. e JUNG, C. G. A Correspondência Completa de Sigmund Freud e Carl G. Jung. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

FREUD, Sigmund. Sobre o Narcisismo. Obras Completas. V. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. Artigos sobre Técnica. Obras Completas. V. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. Inibições, Sintomas e Ansiedade. Obras Completas. V. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. Psicologia de Grupo e a Análise do Ego. Obras Completas. V. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. O Ego e o Id. Obras Completas. V. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. O Futuro de Uma Ilusão. *Obras Completas. V. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1969.*

_____. O Mal Estar na Civilização. *Obras Completas. V. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1969.*

FRY e HOWE. In: *Boudon e Bourricaud. Dicionário Crítico de Sociologia. São Paulo: Ática, 1993.*

GAY, Petter. Freud – Uma vida para o nosso tempo. *São Paulo: Companhia das Letras, 1989.*

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. *Rio de Janeiro: Zahar, 1979.*

GOFFMAN, Erving (1959). As Representações do Eu na Vida Cotidiana. *Petrópolis: Vozes, 1975.*

GOLDENBERG, Mírian. A Arte de Pesquisar. *Rio de Janeiro: Record, 1997.*

GOMES, José Uene. A Igreja que Aprendeu muito quando Ensinou. *Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião, UMESP. São Bernardo do Campo, 1999. (Inédita)*

GOMES, Wilson. O estranho caso das novas seitas populares no Brasil da crise. In *Nem Anjos nem Demônios. Petrópolis: Vozes, 1994.*

GUIMARÃES, Maria Tereza Canesin. O Neopentecostalismo Evangélico em Goiânia. *Fragmentos de Cultura, Goiânia, v.9 n.3. p. 555/573, mai/jun., IFIT EG, 1999.*

HERVIEU-LÉGER, D. Religião e Sociedade. *18/1. Agosto, Rio de Janeiro: ISER, (18), 1997.*

HÜBERMAN, Leo. História da Riqueza do Homem. *Rio de Janeiro: Zahar, 1980.*

JORDÃO, Alexandre. Narcisismo e Reatividade em Psicanálise. *Exame de Qualificação para Tese de Doutorado em Psicanálise, UFRJ, 2000. (Inédita)*

_____. Antecedentes históricos da construção do conceito de narcisismo. In: *A psicanálise e o pensamento moderno. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.*

JUNG, Carl Gustav et al. O Homem e seus símbolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, SD.

KIERKEGAARD, Soren. Temor e Tremor. São Paulo: Gráfica Urupês, 1964.

LAPLANCHE, J. e PONTALLIS. Vocabulário da Psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LÉVI-STRAUSS, C. Antropologia Estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

LOWEN, Alexander. O Corpo em Terapia. São Paulo: Summers, 1977.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Carismáticos e Pentecostais. São Paulo: ANPOCS, 1996.

MAFRA, Clara C. J. Na Posse da Palavra. Rio de Janeiro: 1999. Tese de Doutorado. UFRJ.

MANSFIELD, Patti Gallagher. Como um Novo Pentecostes. Rio de Janeiro: Louva-a-Deus, 1993.

MARIANO, Ricardo. Neopentecostais. São Paulo: Loyola, 1999.

MARIZ, Cecília & M.D.C. MACHADO. Sincretismo e Trânsito Religioso: Comparando Carismáticos e Pentecostais. Comunicações do ISER, 13 (45): 24-34, 1994.

MARIZ, Cecília Loreto. Libertação e Ética. In: Nem Anjos nem Demônios. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. Sincretismo e Trânsito Religioso: Comparando Carismáticos e Pentecostais. *Comunicações do ISER*, 45. 1994.

_____. Renovação Carismática Católica. *Petrópolis: Vozes, 1978.*

MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Epu, 1974.

MESLIM, Michel. A Experiência Humana do Divino. Petrópolis: Vozes, 1992.

MONTERO, Paula. Considerações a respeito da noção de identidade. Comunicações do ISER, 6 (26). 1987.

POELMAN, Johan. O Homem a Caminho de Si Mesmo. São Paulo: Paulinas, 1993.

OLIVEIRA, Pedro A. R. Renovação Carismática Católica. Petrópolis: Vozes, 1978.

OLIVEN, R. George. Por uma Antropologia em Cidades Brasileiras. In VELHO, Gilberto (org.). O Desafio da Cidade (Novas Perspectivas da Antropologia Brasileira). Rio de Janeiro: Campus, 1980.

ORO, Ari Pedro. Avanço Pentecostal e Reação Católica. Petrópolis: Vozes, 1996.

PAGÉS, Max. A Vida Afetiva nos Grupos. In: PELLEGRINO, H. Psicanálise em Crise. Petrópolis: Vozes, 1974.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. Teoria do Vínculo. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PRANDI, Reginaldo. Um Sopro do Espírito. São Paulo: Fafesp, 1997.

REICH, Wilhelm. Materialismo Dialético e Psicanálise. Lisboa, SD.

_____. Análises Del Character. *Buenos Aires: Paidos, 1978.*

RIBEIRO, Gil B. Evangelho Político. Goiânia: Editora UCG, 1999.

ROLIM, Francisco Cartaxo. (Org.). A Religião numa Sociedade em Transformação. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. Pentecostais no Brasil. *Petrópolis: Vozes, 1985.*

_____. O que é Pentecostalismo? *Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1987.*

_____. A Propósito do Trânsito Religioso. *Comunicações do ISER, 45. 1994.*

SANCHIS, Pierre. Pajelança e Doença Mental. In Cad. Centro de Fil. Ci. Hum, 17:89-126. Belém, UFPA, 1988.

_____. Ainda Durkheim, ainda a religião. *In: Religião numa Sociedade em Transformação. Petrópolis: Vozes, 1997.*

_____. O Répto Pentecostal à “Cultura Católico-Brasileira”.
Nem Anjos nem Demônios. *Petrópolis: Vozes, 1994.*

_____. Estudos de Religião no Brasil. *In Sociologia da
Religião no Brasil. São Paulo: PUC/UMESP. 1998.*

SILVEIRA, Nise da. Imagens do Inconsciente. *Rio de Janeiro:
Alhambra, 1981.*

TURNER, Victor W. O Processo Ritual, estrutura e anti-
estrutura. *Petrópolis: Vozes, 1974.*

URBANO, Zilles. Fé e Razão: no pensamento medieval. *Porto
Alegre: Epicurs, 1996.*

VALLE, Edênio. Experiência Religiosa: Enfoque Psicológico.
Sociedade e Estado, 14 (1), Janeiro-junho. EDUNB, 1999.

VAN GENNEP, Arnold. Os Ritos de Passagem. *Petrópolis:
Vozes, 1978.*

VELHO, Gilberto. O Antropólogo Pesquisando em sua Cidade:
Sobre Conhecimento e Heresia. *In: O Desafio da Cidade (Novas
Perspectivas da Antropologia Brasileira). Rio de Janeiro:
Campus, 1980.*

WACH, Joaquim. Sociologia da Religião. *São Paulo: Paulinas,
1990.*

WEBER, Max. Economia e Sociedade, V. 1. *Brasília: Ed. UNB,
1991.*

WEIL, Pierre & TOMPAKOW, Roland. O Corpo Fala.
Petrópolis: Vozes, 1980.

WOODWORTH, Robert. *In: Dicionário Técnico de Psicologia.
São Paulo. Cultrix. SD.*

PERIÓDICOS

RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA. A Espiritualidade da RCC. Escola Paulo Apóstolo, ano 98.

RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA. Vida e Santidade. Escola Paulo Apóstolo, ano 98.

RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA. Liderança na RCC. Escola Paulo Apóstolo, ano 98.

RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA. Grupo de Oração e Serviços. Escola Paulo Apóstolo, ano 98.